

## **INTRODUÇÃO**

*«Pensamos que conseguiu, mais do que nós, persuadir o pai a autorizar a sua frequência em PIEF. Aproveitando a nossa presença, falou abertamente com o pai, das suas necessidades e da vontade de estudar. Este aceitou deixar ir a Sónia e um dos irmãos, mas deixando bem claro e por variadíssimas vezes, que «os filhos são meus e eu é que mando neles, ninguém mos tira.»»*

(Pinto & Goulart, 2008:151)

Nesta investigação pretendeu-se analisar a influência da percepção dos estilos parentais dos pais nos problemas de internalização e externalização dos jovens que integram o Projecto Integrado de Educação e Formação (PIEF).

A escolha do tema parte da experiência profissional diária com estes jovens e suas famílias, sentindo-se a necessidade de aprofundar conhecimentos que facilitem e promovam a intervenção nas escolas com os jovens e no acompanhamento das famílias.

Todos os jovens a quem se dirige o Programa Integrado de Educação e Formação partilham de um ponto em comum: uma profunda desilusão com tudo o que a “Escola” enquanto instituição representa.

Tendo experimentado repetidos insucessos escolares, estes jovens não se motivam com os currículos regulares, rejeitam professores e repelem a sala de aula. Genericamente, gostariam de ter professores diferentes, preferiam matérias menos “aborrecidas” (referindo-se, muito provavelmente, a conteúdos programáticos menos teóricos e mais funcionais, aproximados das suas vivências e necessidades). Nalguns casos, tornaram-se mesmo indesejados na escola por grande parte da comunidade escolar.

Por todos estes e outros motivos são protagonistas de um percurso marcado pela negativa, quer especificamente no domínio do processo de ensino/aprendizagem, mas também, e de forma mais geral, no domínio do seu desenvolvimento pessoal e social. Concretizam este “mal-estar” quando abandonam em definitivo a escola. Se deveriam estar numa sala de aula ou num pátio de escola, alguns encontram-se trabalhando, a fazer as suas primeiras incursões no mundo dos adultos, e outros, abandonados ao seu destino, procuram formas diversas de “sobrevivência” em contextos pedagogicamente inadequados mas, que não os confrontam permanentemente com as suas alegadas “incapacidades”.

O projecto PIEF pretende “(co-) construir” uma “escola” diferente daquela que estes jovens já conhecem, facultando-lhes uma nova oportunidade para concluir a escolaridade obrigatória e, fundamentalmente, um espaço em que possam desenvolver um perfil de competências emocionais, pessoais, sociais e escolares que os enriqueça e lhes sirva como instrumento para a construção de um projecto de vida autónomo. Um espaço em que as suas competências sejam valorizadas e as suas dificuldades atendidas e apoiadas.

O apoio às famílias torna-se imprescindível em todo este processo. Grande parte dos jovens reflecte na escola todos os problemas e dificuldades vivenciadas com as suas famílias, pelo que, a análise da qualidade do ambiente familiar na promoção do desenvolvimento e nas oportunidades de aprendizagem destes alunos é fundamental.

O conhecimento e compreensão da relação entre pais e filhos, os estilos parentais adoptados pelos pais e a sua percepção por parte dos filhos, a influência das estratégias parentais utilizadas pelos pais, revelam-se igualmente fundamentais na compreensão de alguns problemas de internalização e externalização dos adolescentes.

O estilo parental é definido como um conjunto de atitudes para com a criança que dão origem a um clima emocional em que o comportamento dos pais é expresso (Darling & Steinberg, 1993).

Os problemas de comportamento das crianças e adolescentes são caracterizados como sendo problemas de internalização (inclui depressão, ansiedade, isolamento) e problemas de externalização (inclui agressão, delinquência), (Achenbach & Rescorla, 2001).

Esta investigação está estruturada em três capítulos, no sentido de articular a bibliografia existente na área com os dados empíricos deste estudo específico.

No primeiro capítulo optou-se por apresentar uma recolha bibliográfica sobre o Programa para a Prevenção da Exploração e Trabalho Infantil (actualmente designado por PIEC – Programa para a Inclusão e Cidadania) e as turmas PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação), isto porque todos os adolescentes que participaram nesta investigação têm em comum o facto de frequentarem ou, já terem frequentado estas turmas. O segundo capítulo diz respeito ao processo de socialização e estilos parentais, no sentido de abordar as diversas estratégias utilizadas pelos pais nas suas práticas parentais e o impacto no processo de socialização dos jovens. No terceiro capítulo é realizada uma abordagem aos diferentes tipos de problemas de internalização e externalização característicos na adolescência e a sua relação com diferentes práticas parentais.

## **CAPÍTULO I – – PROGRAMA PARA A PREVENÇÃO E EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL**

### **1. Inserção precoce dos Jovens no Mercado de Trabalho e o Abandono Escolar**

Portugal é um dos países da Europa em que, embora tenha diminuído ao longo das últimas décadas, a iniciação precoce dos jovens no mercado de trabalho e o abandono escolar constituem um problema social.

De acordo com o Relatório de Actividades do PETI (Programa para a Prevenção da Exploração e Trabalho Infantil), em 2002 as sinalizações referentes ao abandono escolar correspondem a 87,71%. Associado ao abandono escolar temos situações de exploração de trabalho infantil (Trabalho Infantil indiciado, Trabalho Infantil efectivo e as formas intoleráveis, também referidas como as Piores Formas de Trabalho Infantil) que correspondem a cerca de 13% (Pereira, 2007).

O incumprimento da escolaridade mínima obrigatória e a permanência no ensino, assim como, a valorização social das qualificações académicas, são áreas que conduzem a uma desigualdade social acentuada (Ministério da Segurança Social e do Trabalho, 2004).

Os jovens ao se iniciarem no mercado de trabalho com idades inferiores a 16 anos, isto é, durante o período de escolaridade mínima obrigatória, podem originar situações graves quando entrarem no mercado de trabalho em idade legal, tendo consequências nas qualificações, competências adquiridas, carreira profissional, assim como nos aspectos relacionados com a satisfação, motivação e auto-estima.

Para compreender e analisar o abandono escolar é fundamental analisar o indivíduo, a família, a escola e o meio envolvente, bem como a interacção destes subsistemas e a dimensão temporal (Canavarro, 2007).

Os motivos que conduzem ao abandono escolar encontram-se relacionados com a qualidade de cada um dos subsistemas referidos e, sobretudo, com a qualidade e a intensidade das interacções, que, quando não se permanece na Escola, não se revelaram adequadas num determinado período de tempo, fundamental para que a permanência tivesse acontecido (Canavarro, 2007).

De acordo com os estudos apresentados pelo Ministério do Trabalho e da Segurança Social (1998), os jovens que precisam de entrar precocemente no mercado de trabalho para completarem o rendimento familiar têm menos oportunidades de obterem um emprego com melhor remuneração e com maiores garantias de realização pessoal e profissional.

## **2. PETI – Programa para a Prevenção da Exploração do Trabalho Infantil e a Medida PIEF – Projecto Integrado de Educação e Formação**

O PETI surge na sequência da extinção da Comissão Nacional do Combate ao Trabalho Infantil (CNCTI), e apresenta em Fevereiro de 1999, à Tutela, um relatório sobre medidas conducentes à eliminação da exploração do trabalho infantil em Portugal que foi aprovado por unanimidade pelo Conselho Nacional de Combate à Exploração do Trabalho Infantil (CNCETI), dando assim cumprimento ao estabelecido no ponto 2, alínea a), da Resolução de Conselho de Ministros 75/98 de 2 de Julho, (Pereira, 2007). Têm assento neste Conselho Nacional todos os parceiros sociais e os vários Ministérios cuja actividade pode contribuir para a resolução do problema de abandono escolar e

iniciação precoce de crianças e jovens no mercado de trabalho (autarquias, administração central, ONGS, IPSS, sindicatos e outros).

O PETI é uma estrutura de projecto, de âmbito nacional, dividido em cinco zonas, correspondentes às cinco regiões das Direcções Regionais da Educação (DRE). Fazem parte desta estrutura cinco coordenadores regionais (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve) que têm sob a sua coordenação as Equipas Móveis Multidisciplinares (EMM) do PETI, equipas de terreno que são compostas por professores, técnicos de serviço social e psicólogos.

A Medida PIEF (Plano Integrado de Educação e Formação) foi criada no âmbito do PEETI (Programa para a Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil), pelo despacho conjunto n.º 882/99, de 15 de Outubro, dos Ministérios da Educação e do Trabalho e da Solidariedade, depois revogada e reformulada pelos Despachos conjuntos n.ºs 948/2003, de 26 de Setembro, e 171/2006, de 10 de Fevereiro de 106, dos mesmos Ministérios (Roldão & Santos, 2008).

A origem desta medida associa-se à problemática da erradicação do trabalho infantil, o que a situa numa perspectiva socioeducativa e não apenas educativa - escolar (Alves & Roldão, 2008).

São objectivos da medida PIEF:

- Combater situações de exploração de trabalho infantil, nomeadamente nas formas consideradas intoleráveis pela Convenção n.º 182 da OIT, promovendo a reinserção escolar dos jovens que as protagonizam, através da integração num percurso escolar alternativo;
- Prevenir situações de exploração de trabalho infantil, integrando jovens em abandono escolar e risco de entrada extemporânea no mundo do trabalho num percurso educativo alternativo;

- Sensibilizar os jovens e respectivas famílias relativamente à importância do cumprimento da escolaridade obrigatória;
- Possibilitar a jovens em situação de abandono escolar e exploração de trabalho infantil / risco de entrada extemporânea no mundo do trabalho o desenvolvimento de um perfil de competências que lhe permita a certificação com o diploma do 2º ciclo do ensino básico;
- Promover o desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos jovens que os estimule à construção responsável e autónoma dos seus próprios projectos de vida, (Ministério da Educação e da Segurança Social e do Trabalho, 2003).

A criação de uma turma PIEF resulta da sinalização prévia de jovens com percursos de abandono escolar e/ou situação de trabalho infantil. Os jovens são agregados por proximidade geográfica e inseridos numa turma PIEF numa escola disponível a acolhê-los e a trabalhar com estes jovens de acordo com os pressupostos legais (Roldão & Santos, 2008).

Todos os jovens a quem se dirige o Programa Integrado de Educação e Formação partilham de um ponto em comum: uma profunda desilusão com tudo o que a “Escola” enquanto instituição representa.

Tendo experimentado repetidos insucessos escolares, estes jovens não se motivam com os currículos regulares, rejeitam os professores e fogem da sala de aula. Genericamente, gostariam de ter professores diferentes, preferiam matérias menos “aborrecidas” (referindo-se, muito provavelmente, a conteúdos programáticos menos teóricos e mais funcionais, aproximados das suas vivências e necessidades).

Por todos estes e outros motivos são protagonistas de um percurso escolar negativo, quer especificamente no domínio do processo de ensino/aprendizagem, mas também, e

de forma mais geral, no domínio do seu desenvolvimento pessoal e social. Concretizam este “mal-estar” quando abandonam em definitivo a escola.

A noção de abandono escolar que caracteriza estes jovens está geralmente identificada com a interrupção da frequência do sistema de ensino por um período considerado suficiente para que essa ausência possa transformar-se num afastamento quase irreversível (Justino & Rosa, 2009).

O projecto PIEF pretende “(co-)construir” uma “escola” diferente daquela que estes jovens já conhecem, facultando-lhes uma nova oportunidade para concluir a escolaridade obrigatória e, fundamentalmente, um espaço em que possam desenvolver um perfil de competências emocionais, pessoais, sociais e escolares que os enriqueça e lhes sirva como instrumento para a construção de um projecto de vida autónomo. Um espaço em que as suas competências sejam valorizadas e as suas dificuldades atendidas e apoiadas.

Os objectivos e abordagens a efectuar neste projecto visam:

1. Promover atitudes de autoconfiança;
2. Reconhecer a sua identidade e papel na escola, na comunidade e no mundo;
3. Motivação e envolvimento pessoal e de grupo;
4. Praticar o espírito de tolerância e responsabilidade;
5. Integração no meio social e cultural;
6. A aprendizagem dos alunos implica que estes sejam estimulados, motivados de forma a desenvolver o espírito crítico e de pesquisa;
7. Envolver a comunidade colectiva;
8. Durante este processo, os alunos deverão ser estimulados a participar através de:
  - Debates;
  - Trabalho individual, a pares e em grupo;

- Apresentações orais;
- Escrita livre;
- Expor as suas ideias;

9. As actividades pedagógicas têm que ir de encontro às expectativas dos alunos, e para que se obtenham resultados satisfatórios é fundamental promover a interdisciplinaridade;

10. Motivar os alunos, centrando o seu trabalho de aprendizagem naquilo que eles mais gostam de fazer ou para que estão mais capacitados;

11. Informar e preparar os alunos para enfrentar futuramente a inserção na vida activa;

12. Fortalecer a auto-estima pelo reforço positivo e pela gradação sucessiva das tarefas a realizar.

Os jovens integrados nas turmas PIEF, na sua maioria, pertencem a famílias carenciadas, desestruturadas e negligentes, que não possuem bases de apoio económico e social (Pereira, 2007). As idades dos jovens variam entre os 12 e os 17 anos, período da puberdade e da adolescência que agrava os seus problemas, sobretudo ao nível da agressividade e da instabilidade emocional (Pereira, 2007).

A comunicação familiar positiva e fluida está relacionada com o bem-estar psicológico, elevada auto-estima e auto-conceito positivo dos adolescentes em diferentes níveis, tais como emocional, social e académico (Jackson et al., 1998; Musitu & Gracia, 1992).

O apoio às famílias torna-se imprescindível em todo este processo. Grande parte dos jovens reflecte na escola todos os problemas e dificuldades vivenciadas com as suas famílias, pelo que, a análise da qualidade do ambiente familiar na promoção do desenvolvimento e nas oportunidades de aprendizagem destes alunos é fundamental.

## **CAPITULO II – ESTILOS DE SOCIALIZAÇÃO PARENTAL**

Na cultura ocidental, deparamo-nos com diversas questões sociais para as quais a família assume um papel preponderante nas suas respostas. A família é vista como o núcleo dos nossos valores onde as suas características se reflectem nas futuras gerações. Por mais mudanças que surjam na nossa cultura, os pais são sempre os principais agentes da sua socialização.

A família, sendo o contexto mais próximo da criança, apresenta uma função fundamental e complementar no processo de socialização da criança (Domitrovich & Bierman, 2001).

Para Whiting (1979) a socialização consiste no processo mediante o qual se transmite a cultura de geração em geração, enquanto que, Arnett (1995) considera-a um processo interactivo mediante o qual se transmitem comportamentos e crenças dos seres humanos de acordo com a sua cultura (Musitu & Garcia, 2004).

O processo de socialização está relacionado com a forma como cada criança, através da educação, treino, observação e experiência, adquire competências, motivações, atitudes e comportamentos necessários para uma adaptação com sucesso à família e cultura (Parke & Buriel, 1998; Ladd & Pettit, 2002; Spera, 2009).

Através da socialização as pessoas tornam-se seres sociáveis, interiorizam as normas que regulam as relações sociais e constroem uma imagem do que são e do mundo que as rodeia (Diez & Peirats, 1997).

O processo de socialização é bidireccional, em que os pais transmitem mensagens de socialização às suas crianças, mas estas variam no seu nível de aceitação, receptividade e internalização de mensagens (Grusec, 2000).

Mediante o processo de socialização, consideram-se três objectivos, tanto para a criança como para a sociedade em que está inserido:

1. O controlo do impulso, incluindo o desenvolvimento da consciência – estabelece-se primeiro na infância através da socialização com os pais ou outros adultos, irmãos e pares;
2. Preparação e execução de papéis – para as crianças significa aprendizagem de papéis na família, relacionados com género, com pares na escola. Para os adolescentes significa a aprendizagem de papéis nas relações heterossexuais e experimentar uma preparação mais intensa do papel de adulto;
3. Crenças e Valores – inclui crenças religiosas, no qual geralmente é explicado a origem da vida humana, as razões do sofrimento, o que acontece quando morremos e o significado da vida humana. Inclui ainda relações familiares, vínculos a um grupo étnico, racial ou a uma nação;
4. O processo de socialização determinará o comportamento da criança e do adolescente. Do êxito deste processo dependerá, a adaptação da criança/jovem, a sua contribuição para a sociedade, assim como o próprio futuro cultural da comunidade de que faz parte (Musitu et Garcia, 2004).

Todo o contexto cultural influencia o comportamento e a sua aprendizagem pelo que, o mesmo comportamento pode assumir diferentes significados de acordo com o contexto cultural, (Kag1tç1bas1, 2007).

Na família, sendo grupo primário, a socialização assume uma função psicológica, influenciando a relação entre os diversos membros da família e apresenta uma função básica na organização social. Apresenta-se como mediadora entre a criança e a

sociedade, possibilitando a sua socialização, elemento essencial para o desenvolvimento cognitivo infantil (Andrade et al., 2005).

A família é ainda o principal suporte social na promoção do desenvolvimento de competências e de protecção de sentimentos de solidão e ansiedade social (Parker et al, 1996).

A primeira etapa/tarefa primordial no desenvolvimento que as crianças de todo o mundo têm de ultrapassar é o desenvolvimento de relações com os seus cuidadores primários (Keller, 2007). O domínio desta tarefa é a base para a sobrevivência, crescimento e desenvolvimento.

Antes da década de 70, as perspectivas psicológicas sobre as relações familiares na adolescência focavam a necessidade da criança para se separar dos pais e sugeriam que os conflitos entre os pais e os filhos aumentavam à medida que surgia nos adolescentes a necessidade de se desligarem/afastarem emocionalmente dos pais ou figuras parentais (Steinberg, 2000). Aos pais era dito para esperarem comportamentos de oposição e desafio dos seus adolescentes e preocuparem-se caso estes não surgissem.

A família, espaço educativo por excelência, apresenta-se como o núcleo central de individualização e socialização, no qual se vive uma circularidade permanente de emoções e afectos positivos e negativos entre todos os seus elementos.

O contexto familiar, onde a aprendizagem e a socialização tomam lugar, as suas características e qualidades revelam-se fundamentais no desenvolvimento da criança. Um ambiente familiar estimulante com oportunidades para a aprendizagem e exploração, favorecem um ambiente acolhedor e um suporte emocional que estimula o desenvolvimento saudável da criança (Carlson & Corcoran, 2001).

Para uma análise do desenvolvimento da criança, é fundamental compreender a natureza das relações familiares, sendo para isso necessário reconhecer a

interdependência dos papéis e funções de cada membro da família. Todos se influenciam directa e indirectamente (Minuchin, 2002).

Assim sendo, a qualidade do ambiente familiar assume uma grande influência na prevenção de comportamentos de risco nos adolescentes (Camacho & Matos, 2006).

Segundo Maccoby (1992), as crianças precisam de adquirir habilidades, capacidades e valores que lhes possibilitem:

- a) Evitar comportamentos desviantes, ou seja, comportamentos que ameacem ou destruam a hierarquia dos grupos sociais nos quais os indivíduos vivem;
- b) Contribuir, através do trabalho, para o seu suporte económico assim como o da própria família;
- c) Criar e continuar relacionamentos com os outros;
- d) Serem capazes de criarem os seus próprios filhos.

Quando rejeitadas por pessoas próximas, as crianças podem ter experiências de vitimização o que conduz a sentimentos de solidão e stress, baixa auto-estima e problemas sociais a longo prazo (Perry, Kusel & Perry, 1988).

Apesar da diversidade cultural e social que caracteriza a família, é sobre os adultos que recai a responsabilidade social sobre o sistema familiar (Hidalgo, Moreno & Palacios, 1998). O pai e a mãe assumem toda a responsabilidade pelo sustento económico, funcionamento quotidiano, cuidado e educação dos filhos. No entanto, os pais e as mães assumem papéis diferentes na família. Os papéis tradicionais em que o homem assegurava o sustento da família e a mulher era responsável pela casa e pelos filhos tem-se modificado em direcção a uma maior igualdade no desempenho das mesmas.

Tanto os pais como os filhos têm um papel activo e de influência nas decisões sobre oportunidades e relações sociais das crianças (Parke, 2003).

No entanto, algumas investigações têm mostrado que o comportamento parental (corresponde à relação que os cuidadores estabelecem com a criança, desde a sua concepção até à vida adulta; Kobarg, Sachetti & Vieira, 2006) tem menos influência no ajustamento social da criança do que as suas próprias crenças sobre o comportamento dos pais ou a sua reacção afectiva a esse mesmo comportamento. Quando as crianças percebem baixos níveis de suporte e níveis elevados de conflito com ambos os pais e relações próximas, normalmente são associadas a crianças que se isolam e que têm percepções de vitimização (Domitrovich & Bierman, 2001).

Os pais podem afectar as relações sociais estabelecidas pelos filhos através da monitorização das suas actividades sociais (Parke, 2003). O conhecimento das actividades por parte dos pais, das suas crianças, tem-se revelado como um factor protector importante na prevenção de comportamentos anti-sociais (Moilanen et al., 2009).

Os pais que confiam nas suas competências comportamentais para lidarem com as suas crianças, são mais afectuosos, responsivos e com maior capacidade para aceitarem as suas crianças, usam menos métodos agressivos de disciplina, são menos hostis, inconscientes e intrusivos (Sanders & Woolley, 2005).

De acordo com a teoria de auto-eficácia de Bandura, as pessoas são mais capazes quando acreditam nas suas capacidades e que através desses comportamentos atingirão os seus objectivos (Bandura, 1997). Desta forma, é de esperar que, quando os pais acreditam nas suas capacidades como pais e que as suas acções irão afectar positivamente o comportamento das suas crianças, têm tendência para exercer competências positivas de parentalidade (Dékovic et al, 2010).

O resultado de estudos realizados durante os últimos 30 anos mostra que as crianças de todas as idades e estatuto económico beneficiam do envolvimento parental na sua educação, desenvolvimento académico e comportamento social. Pais envolvidos na educação dos seus filhos demonstram boa comunicação e competências parentais e, uma boa percepção das necessidades das crianças (Koutrouba et al, 2009).

O termo envolvimento parental é utilizado para descrever as crenças e expectativas parentais no desenvolvimento e aspirações académicas e o comportamento parental multifacetado em casa e na escola de forma a fortalecer o desempenho académico das crianças (Koutrouba et al, 2009).

Ao longo do tempo, as diferenças relacionadas com as técnicas de disciplina utilizadas pelos pais têm sido alvo de investigação, assim como a sua selecção de comportamentos de punição ou reforço, os estilos de ensino, as suas respostas afectivas e, ocasionalmente o conteúdo dos valores que tentam transmitir (Maccoby, 1984).

A maioria dos estudos sobre a relação pais - filhos surge na década de 50 e 60.

Baldwin (1949) foi pioneira nos estudos sobre as técnicas de disciplina utilizadas pelos pais, referindo-se às mesmas como estilos parentais (Cit in Vitali, 2004). Os estilos parentais referem-se às posições parentais perante problemas disciplinares, controle do comportamento, necessidades emocionais dos filhos e tomada de decisões (Hutz & Bargadir, 2006), que podem variar nas diferentes culturas (Musiti & Garcia, 2004), sendo também utilizado o termo práticas educativas. O estilo parental é definido como um conjunto de atitudes para com a criança que dão origem a um clima emocional em que o comportamento dos pais é expresso (Darling & Steinberg, 1993).

Darling e Steinberg (1993) definiram o estilo parental como o conjunto de atitudes dos pais para com a criança, o qual define o clima emocional em que se expressam as várias práticas parentais. Os investigadores argumentam ainda que “(...) *as práticas*

*parentais correspondem a comportamentos definidos por conteúdos específicos e por objectivos de socialização, assim, dentro do mesmo estilo parental podem se desenvolver diferentes práticas parentais. (...)*”, (Cit in Vitali, 2004, pp.15).

Os estilos de socialização parental são definidos pela persistência de certos padrões de actuação e as consequências que esses padrões têm para a própria relação pais-filhos e para todos os membros implicados.

Baldwin diferenciou dois estilos parentais, o estilo democrático-recíproco (envolver a criança nas decisões familiares) e o estilo autoritário (os pais faziam impor ou prevalecer as suas vontades) e estudou as suas consequências, nomeadamente ao nível do risco e protecção.

Posteriormente, Diana Baumrind investigou os diferentes estilos de controlo parental (Vitali, 2004; Salvador, 2007; Hutz & Bargadir, 2006).

Baumrind retomou e aprofundou os estudos de Baldwin e foi pioneira na construção de um modelo teórico, no qual definiu três estilos parentais: autoritativo (incentiva o diálogo e exerce firme controle reconhecendo os interesses da criança), autoritário (valoriza a obediência e utiliza medidas punitivas para controle do comportamento) e permissivo (comporta-se de forma não punitiva e apresenta-se como fonte de realização dos desejos da criança), (Baumrind, 1966; Vitali, 2004). Neste estudo é ainda analisado os efeitos de cada tipo de controlo no desenvolvimento dos filhos, concluindo que o estilo autoritativo é o que produz mais efeitos positivos para os filhos, tais como, maior assertividade, maturidade e responsabilidade social.

Muitas vezes, o controlo parental é associado à ausência de afecto (Kag1tç1bas1, 2007), no entanto, Kag1tç1bas1 (1970) ao comparar a percepção dos jovens americanos com jovens turcos, verificou que, ao contrário dos americanos os adolescentes turcos não associam o controlo parental à ausência de afecto. As diferenças encontradas em

estudos posteriores sugerem que as associações no que diz respeito às características dos pais e respectiva influência no controlo parental variam de cultura para cultura (Kag1tç1bas1, 2007).

Baumrind (1967,1971) apresenta um modelo dinâmico e não unidireccional do processo de socialização (Cit in Vitali, 2004). De entre os diversos factores que, no ambiente familiar, contribuem para a socialização, focou-se no controle parental, o que os pais fazem para que os seus filhos se comportem de forma socialmente desejável (Maccoby, 1994).

A autora descreveu três padrões de controlo parental: autoritário, autoritativo e permissivo, e as suas consequências sobre os filhos (Hutz & Bargadir, 2006).

A eficácia do controle parental depende da técnica ou método adoptado pelos pais na tentativa de socializar os filhos (Moraes et al., 2007).

Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) reclassificaram os estilos a partir da exigência (controle, estabelecimento de padrões de conduta, disciplina) e responsividade (comunicação, afecto). Surgiram assim quatro estilos: autoritário, autoritativo, indulgente e negligente (não se envolve no papel de pai ou mãe).

Maccoby e Martin (1983) tentaram conjugar a abordagem configuracional de Baumrind com a possibilidade de definir a educação dos filhos através de um número limitado de dimensões. A sua pesquisa pretendeu analisar os estilos parentais como função de duas dimensões que designaram como responsividade (reconhecimento da individualidade da criança pelos pais) e exigência, (Vitali, 2004).

O estilo autoritário (exigência alta e responsividade baixa) é aquele cujos pais esperam obediência e usam mais a força buscando a autoridade, sem encorajar o diálogo e a autonomia. Os pais autoritários normalmente não apresentam os motivos das suas ordens, valorizam a obediência como uma virtude e favorecem medidas punitivas e de

forças para atingirem os seus ideais quando as acções ou crenças dos filhos entram em conflito com o que consideram ser as condutas correctas (Musitu & Garcia, 2004). São os que menos estimulam as respostas verbais e o diálogo perante transgressões (Musitu & Garcia, 2004). Estes pais são muito reticentes em modificar as suas posições perante os argumentos dos seus filhos, utilizam menos o reforço positivo e mostram-se indiferentes perante as condutas adequadas dos filhos (Musitu & Garcia, 2004). *O autoritarismo é a imposição das decisões do adulto à criança que é suposta obedecer de maneira absoluta e imediata; qualquer infracção a esta regra de submissão incondicional provoca reacções coercitivas imediatas*, (Fontaine, 1986. pp.796). Filhos criados sobre este padrão caracterizam-se por apresentar poucos problemas de comportamento e um desempenho académico elevado (Lamborn, Mounts, Steinberg & Dombusch, 1991) mas, menor auto-estima, medo e frustração, maior ansiedade e depressão (Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000; Reppold & Hutz, 2003; Wolfradt, Hempel & Miles, 2003) e insegurança nas interacções sociais (Pacheco, Teixeira & Gomes, 1999).

Uma relação positiva entre o pai e a criança é um bom preditor de um risco reduzido de diversos problemas de comportamento. Um pai com estilo autoritário é associado a uma probabilidade de ocorrência de actividades delinquentes e uso de substâncias, sendo este risco reduzido quando a relação entre o pai e o adolescente é positiva (Bronte-Tinkew, Moore & Carrano, 2006).

No estilo firme, com exigência e responsividade elevada, os pais dão razões para as restrições impostas e favorecem o diálogo, encorajando a autonomia e sendo responsivos (Hutz & Bargadir, 2006). Junto com os indulgentes são os melhores comunicadores, aceitam argumentos dos filhos para retirar uma ordem ou imposição, argumentam bem, utilizam com maior frequência a razão do que a coacção para

obterem o desejado e fomentam mais o diálogo do que a imposição para chegarem a um acordo (Musitu & Garcia, 2004). A diferença destes pais para com os indulgentes é que quando os filhos se comportam de forma incorrecta, junto com o diálogo também utilizam a coacção física e verbal e as privações. Os pais autoritativos são aqueles que se esforçam em dirigir as actividades dos filhos, mas de uma forma racional e orientada para o processo; estimulam o diálogo verbal e compartilham com os filhos os seus fundamentos, valorizam tanto os atributos expressivos como os instrumentais, as decisões autónomas e a disciplina (Musitu & Garcia, 2004). Estes pais, descritos como sendo mais carinhosos, democráticos e exigentes, parecem ser mais receptivos à negociação com os seus adolescentes, ajudando-os a tornarem-se auto-confiantes (Barber & Lyons, 1993). De acordo com diversos autores, as crianças criadas neste padrão têm melhor desempenho, maior auto-estima, motivação para a realização, competência social e cognitiva e poucos problemas de internalização e comportamento (Hutz & Bargadir, 2006).

Os pais autoritativos estão associados a elevados níveis de sucesso nos estudantes (Spera, 2005).

As crianças parecem beneficiar quando os pais estimulam uma interacção de qualidade e utilizam como estilo parental o autoritativo (Bronte-Tinkew, Moore & Carrano, 2006).

Investigações realizadas em contextos anglo-saxónicos como o Europeu e o Americano, têm identificado os pais autoritativos (pais carinhosos e responsivos que ao mesmo tempo são firmes no controlo) como o estilo parental mais adequado, associado a um óptimo desenvolvimento das crianças e adolescentes (Garcia & Gracia, 2009). Contudo, estudos conduzidos em contextos anglo-saxónicos com grupos étnicos minoritários, assim como investigações realizadas noutros contextos culturais, colocam

em dúvida se o estilo parental autoritativo será sempre associado ao óptimo desenvolvimento e ajustamento das crianças e adolescentes (Garcia & Gracia, 2009). Estudos têm sugerido que as pessoas ajustam-se melhor e estão mais satisfeitas em ambientes que vão de encontro às suas atitudes, valores e experiências (Swanson & Fouad, 1999).

É clara e evidente a influência que os pais exercem sob as crianças.

Algumas investigações defendem que a predisposição genética das crianças afecta o seu próprio comportamento e características e influencia a forma como são tratadas pelos pais (Maccoby, 2000). Harris (1998) acredita que os pais podem influenciar aspectos específicos do desenvolvimento e podem, por exemplo, influenciar actividades dos tempos-livres, preferências por alimentos, crenças e religião e na aquisição de saberes que irão influenciar a escolha da sua futura profissão.

As competências sociais dos adolescentes também influenciam os efeitos de algumas práticas parentais (como a responsabilidade, autonomia e coesão), (Engels, Dekovic & Meeus, 2002).

As competências sociais dos adolescentes, assim como factores parentais, envolvimento/afectividade parental e clima familiar, estão associados à qualidade e intensidade na relação dos adolescentes com os seus pares (Engels, Dekovic & Meeus, 2002).

Brown, Mounts, Lamborn & Steinberg (1993), verificaram que características específicas das práticas parentais (estratégias utilizadas pelos pais para atingirem os seus objectivos em relação aos seus filhos; Salvador, 2007), como a monitorização, o encorajamento, reforço para aspirações académicas e co-decisão, afectam a pertença dos jovens a grupos de pares, por exemplo, práticas parentais inadequadas contribuem para

o envolvimento dos jovens em grupos desviantes (Cit in Engels, Dekovic & Meeus, 2002).

Mounts, Steinberg & Dornbusch (1991) referem que adolescentes que caracterizam os pais como sendo autoritativos evidenciam níveis elevados de competências académicas, baixos níveis de problemas de comportamento e elevados níveis de desenvolvimento psicossocial, quando comparados com adolescentes cujos pais revelam um estilo autoritário. Ainda em relação à internalização de sintomas, verificaram que os adolescentes que descrevem os seus pais como sendo autoritativos, revelam menos problemas psicológicos e somáticos do que os que têm pais negligentes mas, não diferem de forma significativa dos que têm pais indulgentes ou autoritários. Verificaram poucas excepções, por exemplo, quando analisada a média de consumo de drogas e comportamentos delinquentes, os adolescentes que caracterizam os seus pais como autoritativos não diferem de forma significativa dos que descrevem os seus pais como sendo autoritários, (Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991). Steinberg (2000) reforça que adolescentes com pais autoritativos conseguem melhores resultados académicos, apresentam menos situações de depressão e ansiedade, maior auto-estima e menor probabilidade de comportamentos anti-sociais, incluindo delinquência e consumo de drogas.

O estilo indulgente (exigência baixa e responsividade alta) caracteriza-se pela tolerância, pelo afecto e pelo baixo controle (Hutz & Bargadir, 2006). Os pais indulgentes comunicam bem com os filhos, utilizam com mais frequência a razão do que outras técnicas disciplinares e fomentam o diálogo para chegarem a acordo com os filhos (Musitu & Garcia, 2004). Os pais actuam com os seus filhos como se se tratassem de pessoas maduras que são capazes de regular o seu próprio comportamento e limitam o seu papel de pais na influência das consequências que têm os seus comportamentos

negativos (Musitu & Garcia, 2004). Filhos criados neste padrão costumam ter boa auto-estima e bem-estar psicológico, mas maior imaturidade, pouco envolvimento escolar, agressividade e problemas de comportamento (Hutz & Bargadir, 2006).

No estilo negligente (exigência e responsividade baixas) os pais são fracos em controlar o comportamento dos filhos e em atender as suas necessidades e demonstrar afecto (Hutz & Bargadir, 2006). Os filhos criados sob este padrão apresentam os piores índices de ajustamento entre os quatro estilos, com menor competência social e cognitiva e mais problemas de internalização e comportamento (Hutz & Bargadir, 2006).

Lamborn, Mounts, Steinberg e Darnbusch (1991), contribuíram na construção de um instrumento para avaliar os estilos parentais e, discutiram sobre os efeitos dos diferentes estilos parentais no desenvolvimento dos filhos. Estes investigadores, concordando com Badwin (1949), mostraram que a correlação entre ajustamento dos adolescentes e estilos parentais não depende unicamente do efeito que a criança tem sobre os pais, depende também do impacto que os pais têm sobre os filhos, (Vitali, 2004).

A parentalidade é um processo transaccional, influenciado pelo comportamento das crianças e contexto ambiental (Bradshaw et al, 2006). As crenças e práticas parentais podem ser afectadas pelo comportamento das crianças e pelo contexto em que estão inseridas (Bradshaw et al, 2006).

Muitos estudos debruçam-se sobre a interpretação dos diferentes estilos parentais em diversos contextos e seus efeitos nas diferentes culturas em todo o mundo. Bradley e Corwin (2005) concluíram que os padrões parentais em todo o mundo contêm princípios fundamentais sobre o que a criança necessita dos seus pais e o que os pais precisam para preparar as suas crianças para o mundo.

Tem-se igualmente verificado diferenças na percepção dos estilos parentais dos pais por parte dos rapazes e das raparigas.

Conrad e Ho (2001) salientam que os rapazes percebem pais como mais autoritários e mães como mais permissivas, enquanto que, as raparigas percebem as mães como mais autoritativas (Cit in Hutz & Bargadir, 2006).

A influência da relação positiva entre o pai e a criança nos comportamentos de risco é maior nos rapazes do que nas raparigas adolescentes (Bronte-Tinkew, Moore & Carrano, 2006). Estudos sugerem que uma relação positiva entre o pai e a criança, a monitorização de actividades apropriadas à idade da criança, a afectividade e estratégias de disciplina são predictores importantes no desenvolvimento social, emocional e cognitivo (Cox & Harver, 2003).

Martinez & Garcia (2007) estudaram a relação entre pais de diferentes estilos parentais e jovens entre os 13 e os 16 anos (em Espanha). Referem que o estilo parental está relacionado com duas dimensões da auto-estima, a académica e a familiar. Os adolescentes de pais indulgentes apresentam níveis mais elevados de auto-estima, enquanto que, os filhos de pais autoritários apresentam os piores resultados. Não verificaram diferenças significativas nestes valores para adolescentes com pais autoritativos e indulgentes. A interiorização de valores sociais e o desenvolvimento da auto-estima da criança são objectivos centrais da socialização parental (Grusec & Goodnow, 1994). Grusec & Goodnow sugerem que a internalização deve ser medida em termos de comportamentos pro-sociais – consideração de sentimentos ou necessidades dos outros – e valores morais.

Inúmeras têm sido as investigações sobre a influência do comportamento dos pais no desenvolvimento dos filhos, na formação da sua personalidade (Keller, 2007) e sobre o facto de se iniciar bastante cedo. Uma pesquisa realizada com bebés de 5/6

meses de idade e com os seus pais revela que os bebés dos pais mais responsivos (aqueles que agem de forma contingente à vocalização e expressão facial da criança) apresentam maior regulação de afecto negativo (como expressão de tristeza, choro e contrariedade), (Haley & Stansbury, 2003).

Estudos sobre os estilos de relacionamento parental demonstram que qualquer dos extremos educativos (pais autocráticos ou muito permissivos) pode significar dificuldades acrescidas ao jovem e causar desequilíbrios (baixa autoconfiança e filhos dependentes ou revoltados), sendo o estilo democrata de controlo parental (ambientes em que os pais se interessam pela vida dos filhos, discutem com eles as decisões a tomar e existe uma definição clara de limites) o que gera nos jovens sentimentos de maior competência social, autonomia e independência (Linares, Pelegrina, & Lendínez, 2002).

A percepção do controlo é influenciada por normas sociais e significados atribuídos. Está relacionado com valores e objectivos sociais que variam entre culturas e ao longo do tempo (Kag1tç1bas1, 2007). Já o afecto parental poderá vir a ser associado a um comportamento universal baseado num processo biológico e de evolução que envolve a protecção e cuidados para a continuidade das espécies (Batson, 1990; Cit in Kag1tç1bas1, 2007).

As práticas parentais são comumente relacionadas à auto-estima das crianças (Salvador, 2007).

Pesquisas realizadas no Brasil revelam que adolescentes com auto-estima elevada tinham pais com maior índice de envolvimento e afecto, uso de reforço positivo e abertura ao diálogo, enquanto que os adolescentes com baixa auto-estima possuem pais que utilizam punições inadequadas e comunicação negativa com maior frequência

(Weber, Stasiak & Brandenburg, 2003; Weber, Tucunduva & Péron, 2006; Cit in Salvador, 2007).

De acordo com Salvador (2007), auto conceito e auto eficácia são igualmente factores influenciados pelas práticas parentais.

Parish e Mccluskey (1992) verificaram que o auto conceito dos jovens estava directamente relacionado com a percepção do nível de afectividade/hostilidade dos seus pais, sendo que os jovens com os pais mais afectivos apresentavam maior auto conceito (Cit in Salvador, 2007).

Num estudo realizado em Espanha verificou-se que as crianças que percebem os pais como sendo indulgentes (elevado afecto e baixa coesão) apresentam um auto-conceito igual ou superior às crianças cujos pais têm um estilo parental autoritativo (elevado afecto e controlo firme), (Musito & Garcia, 2005).

Salvador (2007) sintetiza os estudos referentes à influência da interacção familiar sobre o desenvolvimento de depressão nos filhos referindo que: em 1999, Darling concluiu que crianças e adolescentes de pais autoritários (muito exigentes com uso de controle psicológico e pouco responsivos) apresentam maiores níveis de depressão; Menegatti (2002), verificou que pais e mães de crianças com indicativos de depressão apresentaram interacção caracterizada por baixo reforço positivo, pouca disponibilidade para solicitações quotidianas da criança, uso de controlo aversivo e reforço de respostas emocionais da criança; Liu (2003), conclui que adolescentes com baixos índices de depressão estavam associados aos maiores níveis de atenção dos pais e mensagens familiares mais positivas e aos baixos níveis de indiferença, o oposto foi verificado para os adolescentes com alto risco de desenvolver depressão; Weber e cols. (2004) verificaram que dos adolescentes considerados em situação de protecção familiar (altos níveis de afecto, envolvimento, apresentação de regras, comunicação positiva e

modelo parental; baixos níveis de comunicação negativa e punições inadequadas; e clima conjugal positivo), nenhum apresentou indicativos de depressão.

A investigadora apresenta ainda estudos sobre interacção familiar e problemas de internalização (comportamentos de retraimento, queixas somáticas e indicativos de ansiedade/depressão), de externalização (comportamentos delinquentes e agressivos) e problemas de ajustamento social, tais como, o de Lamborn e cols. (1991), em que o estudo indicou que existem diferenças no ajustamento e funcionamento psicossocial entre adolescentes que caracterizam os seus pais como autoritativos, autoritários, indulgentes e negligentes, filhos de pais autoritativos apresentaram menores níveis de problemas de comportamentos e de sintomas somáticos e psicológicos que os filhos de pais negligentes; Pettit, Bates & Dodge (1997) concluíram que o suporte parental caracterizado por afectividade, ensino pró-activo, disciplina indutiva e envolvimento positivo, foi fortemente associado ao ajustamento de crianças que tinham família monoparental ou de baixo status socioeconómico; Irvine, Biglan, Smolkowski & Ari (1999) referem que disciplina coercitiva está relacionada com indicadores de agressividade, ansiedade/depressão, problemas de atenção, problemas sociais, de pensamento, isolamento e problemas de internalização e externalização; a negligência também esteve associada a comportamentos agressivos e problemas de internalização e de externalização; e, ainda, o monitoramento pobre esteve associado a comportamento agressivo, problemas de atenção e problemas de externalização; Finkenauer, Engels & Baumeister (2005) concluem que adolescentes com baixo índice de problemas emocionais e comportamentais vêem os pais como suportes emocionais (aceitação, e participação da vida e actividades do filho) e de pouco controlo psicológico, o controlo psicológico foi relacionado aos maiores níveis de problemas emocionais e comportamentais; (Cit in Salvador, 2007, pp.26-28).

Em relação à estrutura familiar, mães solteiras revelam maior incidência no estilo permissivo em relação ao casal (mãe e pai biológicos). Nas famílias em que no casal existe madrasta ou padrasto, estes tendem a ser mais autoritários e permissivos em comparação com os pais biológicos (Dornbusch et al, 1987).

Milevsky, Sclechter, Netter & Keehn, 2007, referem que as mães autoritativas são associadas a níveis elevados de auto-estima, satisfação com a vida e menor depressão. O estilo democrático foi sugerido como o ideal para o ajustamento psicológico porque o comportamento e a autonomia psicológica são vistos como objectivos interdependentes (Gfroerer, Kern & Curlette, 2004). Estudantes que acreditam ter pais autoritários lidam bem com a obediência e conformidade de um adulto normal, no entanto, demonstram menores níveis de auto-conceito. Adolescentes com pais permissivos/indulgentes têm uma auto-confiança forte mas também revelam maior frequência de problemas relacionados com experiências com consumo de drogas e gerem com dificuldade comportamentos dentro e fora da escola. O estilo autoritativo foi relacionado com elevada auto-estima e satisfação com a vida e menor depressão. Resultados destas investigações sugerem que os estilos parentais estão relacionados com o bem-estar dos jovens (Milevsky, Sclechter, Netter & Keehn, 2007).

Nas investigações de Smetana (1995), sobre estilos parentais e concepções sobre autoridade parental durante a adolescência, os adolescentes viam os seus pais como sendo mais permissivos e mais autoritários do que os pais se viam a eles próprios. Concluiu que o julgamento dos pais sobre a legitimidade da autoridade parental difere de acordo com as funções do estilo parental. Os pais permissivos são mais liberais com os filhos, dão menos importância a opiniões convencionais favorecendo, mais do que os outros pais, as escolhas dos filhos. Os pais autoritários diferem dos autoritativos em diversas dimensões. Apenas os pais autoritativos parecem manter o equilíbrio nos

limites entre o moral e o convencional e nos problemas pessoais de acordo com opiniões e justificações dos filhos (Smetana, 1995).

Algumas investigações têm encontrado diferenças significativas na percepção dos jovens acerca dos estilos parentais adoptados pelos pais, de acordo com a sua estrutura familiar (monoparental, biparental ou adoptiva).

Os adolescentes que vivem em famílias adoptivas ou monoparentais percebem os seus pais como tendo menos conhecimento sobre o que os rodeia (Anderson et al, 1999). Por outro lado, os pais biológicos (família biparental) parecem ter maior facilidade para controlarem o comportamento dos seus adolescentes (Bumpus & Rodgers, 2009).

Os adolescentes de famílias bi-parentais (com pais biológicos) apresentam maior confiança na sua relação com os pais quando comparados com adolescentes de famílias monoparentais ou adoptivas. Por outro lado, os adolescentes com pais monoparentais ou famílias adoptivas parecem ter maior autonomia no seu comportamento do que os outros adolescentes (Bumpus & Rodgers, 2009).

### **CAPITULO III – PROBLEMAS DE INTERNALIZAÇÃO E EXTERNALIZAÇÃO**

Investigações recentes revelam que os problemas de comportamento dos adolescentes estão relacionados com o funcionamento familiar (Moore et al, 2007). As famílias em que existe uma boa comunicação entre pais e adolescentes, tendem a ter um ambiente mais harmonioso e flexível ao lidar com problemas domésticos e passam mais tempo em família do que as situações em que a comunicação entre pais e adolescentes é pobre (Barnes & Olson, 1985; Cummings & Davies, 1994).

Vários estudos sugerem que os estilos parentais têm influência em diversas áreas do desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, tais como ajustamento social, psicopatologia e desempenho escolar (Costa, Teixeira & Gomes, 2000).

O relacionamento entre pais e filhos apresenta um papel fundamental para compreendermos o comportamento e desenvolvimento psicológico e social das crianças (Cummings et al, 2000).

Os problemas de comportamento das crianças e adolescentes têm sido caracterizados como sendo problemas de internalização (inclui depressão, ansiedade, isolamento) e problemas de externalização (inclui agressão, delinquência), (Achenbach & Rescorla, 2001).

As características da família, como o suporte, monitorização e vinculação, parecem ter bastante relevância em ambos os tipos de problemas de comportamento. Contudo, os comportamentos de externalização, como a agressão, hiperactividade e oposição, têm sido alvo de inúmeras investigações, ao contrário dos problemas de internalização, considerando-se que tal acontece por serem considerados normais durante a adolescência, serem mais visíveis e terem mais consequências negativas

directas nos indivíduos e na comunidade quando a frequência e a sua intensidade origina comportamentos de risco (Dékovic, Buist & Reitz, 2004; Campbell, Shaw & Gilliom, 2000; Gilliom & Shaw, 2004; Mesman, Bongers & Koot, 2001; Verhoeven et al, 2009). As investigações sugerem ainda que a incidência dos problemas de externalização é superior nos rapazes, enquanto que, as raparigas experienciam mais problemas de internalização (Nolen-Hoeksema & Girgus, 1994; Zahn-Waxler, 1993).

Ao relacionarem a influência das características das famílias com os problemas de comportamento, diversos estudos consideram que as práticas parentais apresentam maior influência nos problemas de externalização do que nos de internalização (Reitz, Dekovic & Meijer, 2006; Camacho & Matos, 2006; Perry, Kusel & Perry, 1988; Pereira et al, 2009; Verhoeven et al, 2009).

A relação dos pais filhos, durante muito tempo, foi vista como unidireccional, sendo a influência dos pais nas crianças, maior do que a influência das crianças na parentalidade, os pais eram vistos como agentes de socialização primários das suas crianças e as crianças meros receptores passivos da socialização (Verhoeven et al, 2009).

Actualmente, a maioria dos investigadores, considera a relação entre a parentalidade e os problemas de comportamento como uma relação bidireccional (Bell & Harper, 1977; Conger & Simons, 1997; Pettit & Lollis, 1997; Sameroff, 1975).

Esta perspectiva foi alterada com Bell's (1968), através da publicação de um artigo onde apresentou outro ponto de vista, a ideia de que descobertas anteriores na relação entre as práticas de socialização parental e os resultados no comportamento das crianças poderiam ser explicados usando a preferência das crianças pelo modelo de "efeito-parental" (ideia de que conseguem distinguir diferentes tipos de parentalidade dos pais e das mães), (Verhoeven et al, 2009).

A influência bidireccional entre pais e crianças é reforçada através de dois modelos, o modelo de efeito transaccional (Sameroff, 1975) e sistema de controlo (Bell, 1977; Bell & Chapman, 1986). De acordo com estes modelos, o comportamento das crianças evoca determinados tipos de reacções parentais, que por sua vez, influenciam o futuro comportamento das crianças. Assim sendo, o comportamento dos pais e dos filhos entra num sistema bidireccional de influências.

Pattersons (1995), através do modelo de coacção (Cit in Verhoeven et al, 2009), descreve o desenvolvimento da interacção coesiva entre pais e crianças, em ciclos durante a infância. O desenvolvimento destes ciclos poderá ser referido como etapas: (1) comportamento agressivo da criança, (2) exigências dos pais por obediência, (3) intensificação/agravamento do comportamento da criança e (4) rendição dos pais às exigências da criança.

Um estudo com rapazes com idades entre os 7 e os 15 anos sugere evidências na relação bidireccional entre elevados níveis de problemas de conduta e comportamentos maternos, como punição física, monitorização, envolvimento e comunicação (Pardini, Fite & Burke, 2007).

Ao analisarem esta relação bidireccional entre pais e filhos, Vuchinic, Banks e Patterson (1992), descobriram que os rapazes pré-adolescentes com comportamentos anti-sociais reduziram o uso de disciplina parental positiva (colocação de limites, consistência ao longo do tempo), enquanto que, ao mesmo tempo a disciplina positiva dos pais tem um efeito positivo no comportamento anti-social dos filhos.

Os elevados níveis na qualidade da afectividade entre os pais e os seus adolescentes, são preditores para baixos níveis na externalização de comportamentos das crianças; elevados níveis de disciplina de punição por parte das mães conduz a elevados níveis, nas crianças, de agressão e desobediência, mas não o contrário,

elevados níveis de agressão e desobediência das crianças não levam a disciplina punitiva por parte das mães (Verhoeven et al, 2009).

É razoável esperar que os efeitos bidireccionais entre a parentalidade e a externalização de comportamentos das crianças, descritos por Patterson (1995), sejam resultado de mecanismos que podem tomar lugar num curto espaço de tempo, e que essas influências bidireccionais sejam mais visíveis em momentos singulares do que ao longo do tempo.

Algumas características dos pais têm maior impacto num determinado tipo de comportamento (internalização ou externalização).

A rejeição parental e falta de afectividade são constantemente relacionadas com problemas de externalização e internalização das crianças, assim como o baixo desenvolvimento de competências académicas e sociais (Pereira et al, 2009).

Os adolescentes cujos pais exercem maior controlo nas suas actividades apresentam menos probabilidade de desenvolverem comportamentos delinquentes, (Jacobson & Crockett, 2000; Patterson & Stouthamer-Loeber, 1984) fumarem, consumirem álcool ou outras drogas, assim como iniciarem comportamentos sexuais de risco (Hogan & Kitagawa, 1985; Jacobson & Crockett, 2000; Newcomer & Udry, 1987).

A incidência de problemas de comportamento é mais elevada nas crianças que têm relações menos positivas com os pais (Stocker, 1995). Por exemplo, conflitos familiares são associados à externalização de problemas tais como, problemas de conduta, agressão e comportamento social, bem como à internalização de problemas, como depressão, ansiedade, isolamento e baixa auto-estima.

A afectividade e o suporte social são considerados como influências positivas no desenvolvimento emocional e bem-estar dos jovens e níveis moderados de controlo

parental são considerados como factores protectores contra problemas de comportamento nos adolescentes (Baumrind, 1991; Maccoby & Martin, 1983). Elevados níveis de suporte e afectividade parental estão associados a melhores e maiores níveis de auto-estima e baixos níveis de depressão e ansiedade (Ge, Best, Conger & Simons, 1996).

Os problemas de externalização do comportamento, como a agressão e a delinquência, podem indicar que os adolescentes não conseguem ou têm dificuldades para controlar o seu próprio comportamento e obedecer aos seus pais, especialmente quando estes não estão por perto (Laird et al, 2009). Quando os pais acreditam que as suas crianças estão relativamente protegidas quando estão com amigos pelo bairro ou por perto, maior capacidade têm para permitirem que o façam, quando pelo contrário, consideram perigoso e não o permitem (Laird et al, 2009).

Jiménez, Dékovic & Hidalgo (2009), ao estudarem a influência das características das famílias de risco na internalização e externalização de problemas dos adolescentes, verificaram que apenas a percepção da satisfação das mães estava relacionada com a internalização de problemas. Nas investigações de Medora et al (2001) é possível concluir que as mães de famílias em risco, que estão menos satisfeitas com o seu desempenho parental, apresentam uma maior reflexão e crítica das suas práticas e maior consciência das suas limitações. Verificaram ainda a influência do ambiente familiar na externalização de problemas, embora estas variem de acordo com diferenças étnicas, culturais e económicas dos grupos analisados. Concluíram que são esperados impactos diferentes no ajustamento das crianças em diferentes contextos (Jiménez, Dékovic & Hidalgo, 2009).

Os adolescentes que são expostos a uma parentalidade punitiva têm maior probabilidade para desenvolverem problemas de comportamento (Dékovic, 1999).

O risco do uso de substâncias é significativamente baixo para adolescentes com relação positiva com os pais, sendo maior este risco para jovens com pais autoritários do que os que têm pais com estilo autoritativo (Bronte-Tinkew, Moore & Carrano, 2006).

No que diz respeito à percepção dos diferentes estilos parentais por parte dos adolescentes e os seus comportamentos, Lamborn e cols. (1991), verificaram que, os jovens que percebem os seus pais como sendo autoritativos mostraram mais aspectos positivos no seu desenvolvimento/comportamento, enquanto que, os adolescentes que percebem os seus pais como sendo autoritários ou indulgentes apresentam ambas características positivas/negativas no seu desenvolvimento.

Os filhos de pais autoritativos são associados a aspectos positivos, como melhor desempenho nos estudos (Steinberg, Darling & Fletcher, 1995; Cohen & Rice, 1997) e vistos como socialmente mais competentes do que os filhos de pais não autoritativos (Darling, 1999).

Os filhos de mães autoritárias normalmente apresentam comportamentos de externalização (agressão verbal ou física) e de internalização (depressão, ansiedade) (Oliveira & cols., 2002).

Pesquisas realizadas com apenas os três tipos de estilo (autoritativos, autoritários e permissivos), concluem que os filhos de pais permissivos tendem a apresentar uso de tabaco e álcool (Cohen & Rice, 1997). Quando separados os pais permissivos em indulgentes e negligentes, os resultados mais negativos aparecem relacionados com os filhos de pais negligentes, que possuem o menor desempenho em todos os domínios (baixo rendimento escolar, sintomas depressivos e baixa auto-estima), (Darling, 1999; Radziszewska, Richardson, Dent & Flay, 1996), problemas afectivos e comportamentais.

Além de os estilos parentais influenciarem diversos aspectos do desenvolvimento dos filhos, podem influenciar o seu futuro estilo parental (Oliveira et al., 2002).

As relações com pares têm igualmente ambos os efeitos, risco e protecção, no desenvolvimento de problemas de comportamento (Dékovic, 1999).

A qualidade na relação entre pares tem-se revelado especialmente importante nos problemas de internalização (Dékovic, Buist & Reitz, 2004). Os adolescentes com dificuldades de comunicação e com confiança nas relações com pares revelam mais sintomas depressivos e maior incidência de problemas do que os que têm relações positivas com os pares (Dékovic, Buist & Reitz, 2004).

Jimenez, Menendez & Hidalgo (2009) verificaram que a escola e a família são os principais contextos responsáveis por situações de stress na adolescência. Verificaram ainda resultados similares em como os rapazes e raparigas lidam com stress psicossocial durante a adolescência mas também encontraram diferenças significativas em situações particulares, quanto à sua frequência e impacto emocional. Constataram que as raparigas têm maior capacidade do que os rapazes para lidar com problemas de internalização, como a depressão e a ansiedade. Nenhuma explicação tem sido apresentada embora se presume que esta diferença seja resultado do facto de as raparigas experienciarem mais cedo situações de stress do que os rapazes (Garcia, L., Dardet & Garcia, M., 2009).

Nas suas investigações, Dékovic (1999) verificou que os atributos individuais dos adolescentes desempenham um papel importante, tanto como risco como protecção, no desenvolvimento da internalização de problemas mas, parecem menos importantes no desenvolvimento da externalização de problemas.

Dékovic (1999) verificou que, de uma forma geral, as características individuais são mais importantes na internalização de problemas. Adolescentes com baixa auto-estima e menor motivação para estudar, tendem a revelar mais comportamentos depressivos, menor satisfação com a vida e menor bem-estar de uma forma geral. Os problemas de externalização são mais previsíveis através de factores familiares e extra-familiares do que as características individuais dos adolescentes (Dékovic, 1999).

O conhecimento actual sugere que, ao invés de lidarmos em separado com problemas independentes e isolados, é necessário delinear intervenções mais complexas caracterizadas por uma maior compreensão e esforços simultâneos (Dékovic, 1999).

## **CAPÍTULO IV – OBJECTIVOS**

Os estilos parentais e a adaptação psicológica dos adolescentes têm sido bastante investigados ao longo dos anos. Contudo, a percepção por parte dos jovens dos estilos parentais dos seus pais e posterior relação com problemas de comportamento de internalização e externalização ainda necessita de maior atenção. Esta necessidade é visível no acompanhamento de jovens que revelam problemas de comportamento e dificuldades na relação com a escola.

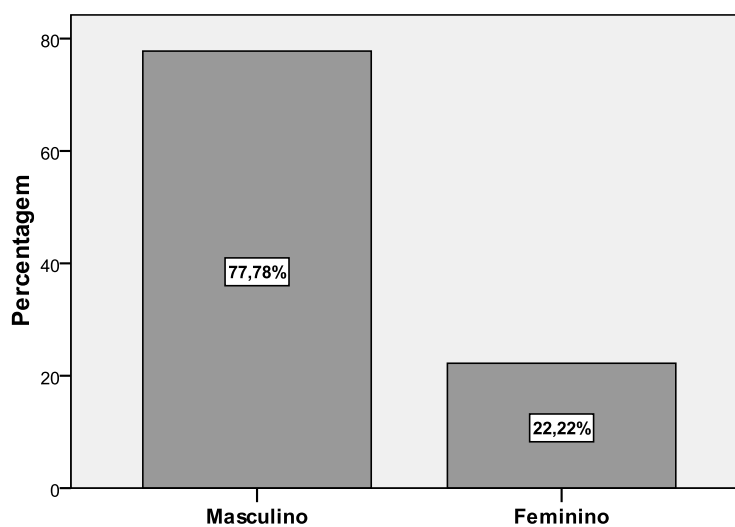
O que se pretende com a realização deste estudo é, sobretudo, compreender melhor as relações entre os estilos parentais e a adaptação psicológica de jovens que estejam integrados (ou que já estiveram) nas turmas PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação), na Região do Algarve.

Esta relação será avaliada através da análise da percepção dos jovens sobre os seus problemas de comportamento e as práticas parentais dos pais.

## **CAPÍTULO V – METODOLOGIA**

### **1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA AMOSTRA**

Participaram no estudo 45 adolescentes, sendo a maioria dos inquiridos do género masculino, mais concretamente, 35 são rapazes (77,78%) e 10 são raparigas (22,22%).



*Figura 1.* Diagrama de barras do género dos inquiridos

Quando se analisa a idade dos inquiridos, verifica-se que têm uma idade média de 15,75 anos ( $DP = 1,32$ ), em particular, pode observar-se na Figura 2 que a maioria dos alunos tem idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos (75,55%), sendo os 16 anos a idade mais comum, por sua vez, o inquirido mais novo tem 13 anos, enquanto que o mais velho tem 19.

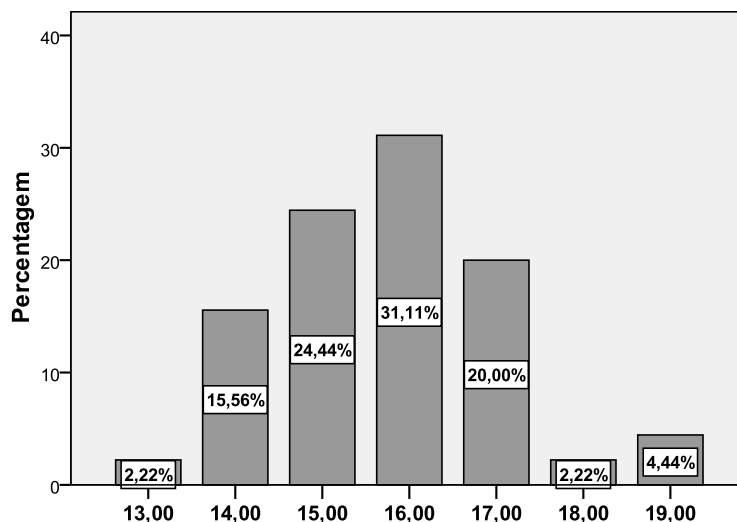


Figura 2. Diagrama de barras da idade dos inquiridos

Quando a análise recai sobre o ano de escolaridade frequentado pelos inquiridos (Figura 3), verifica-se que o 6º e o 9º ano são os mais representados, ambos com 28,9% (13 indivíduos) do total de amostrados. Note-se ainda a existência de um único aluno a frequentar o 4º ano (2,2%).

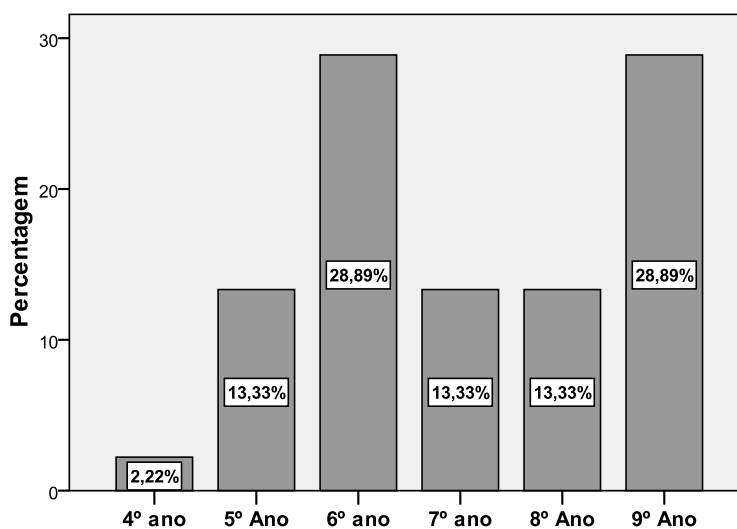
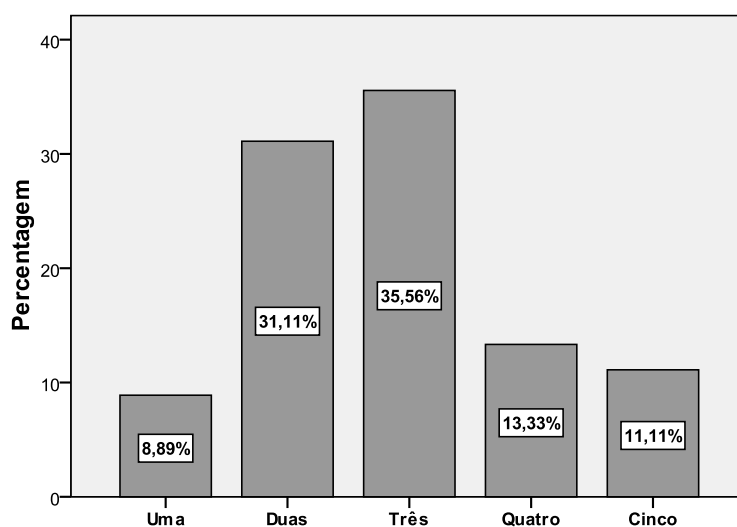


Figura 3. Diagrama de barras dos anos de escolaridade frequentado pelos inquiridos

Na figura 4 pode observar-se que não existe nenhum inquirido que nunca tenha reprovado, ou seja, a quantidade de retenções oscila entre uma e cinco. Concretamente, 35,56% (16 indivíduos) dos alunos amostrados têm três reprovações, existindo ainda uns expressivos 31,11% (14 indivíduos) com duas reprovações; por sua vez, o número de retenções menos acentuado é de uma, com apenas quatro alunos nesta situação (8,89%).



*Figura 4.* Diagrama de barras do número de reprovações dos inquiridos

Na figura 5 pode observar-se que a esmagadora maioria dos alunos inquiridos (88,9% - 40 indivíduos) estão integrados numa turma com Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), sendo que, os restantes 11,1% (5 indivíduos) já estiveram numa turma PIEF.

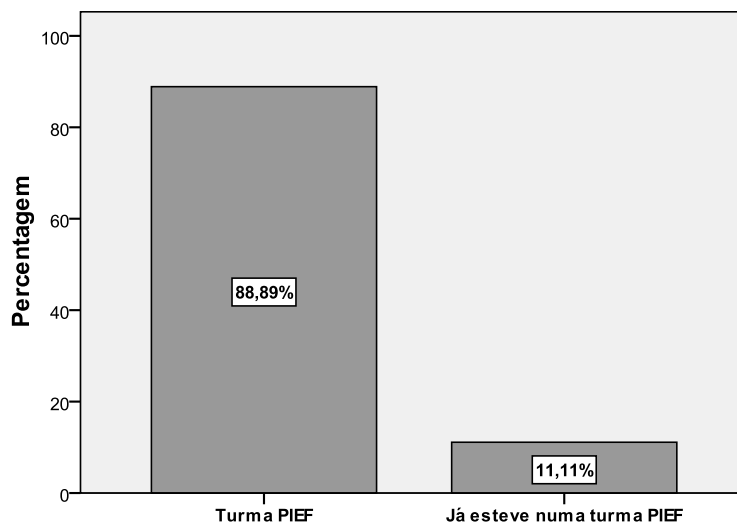


Figura 5. Diagrama de barras da tipologia de turma onde os inquiridos estão inseridos

Quando se analisa a idade dos pais dos inquiridos (Figuras 6 e 7), verifica-se que a idade média dos pais é de 47,55 anos ( $DP = 8,48$ ), tendo o pai mais novo 33 anos e o mais velho 68. Por sua vez, a idade média das mães é de 42,93 anos ( $DP = 6,88$ ), tendo a mãe mais nova 31 anos e a mais velha 59.

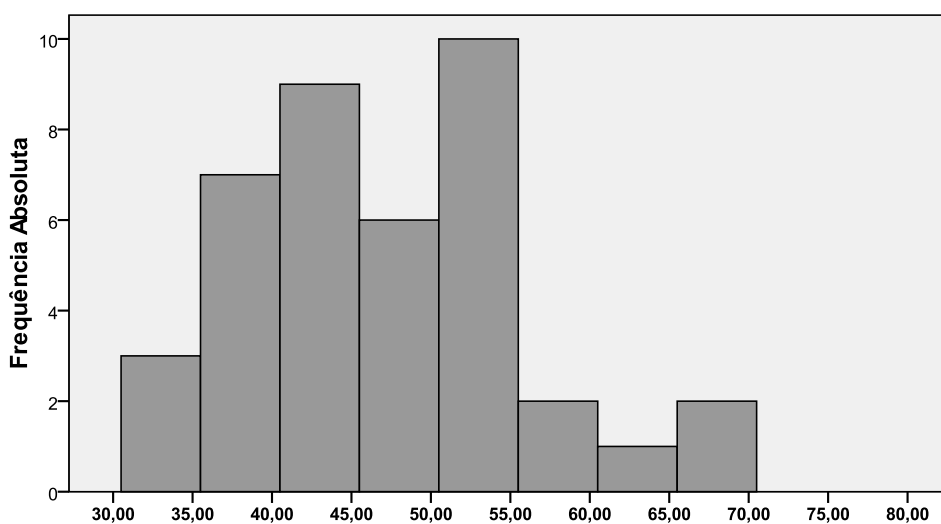


Figura 6. Histograma da idade dos pais

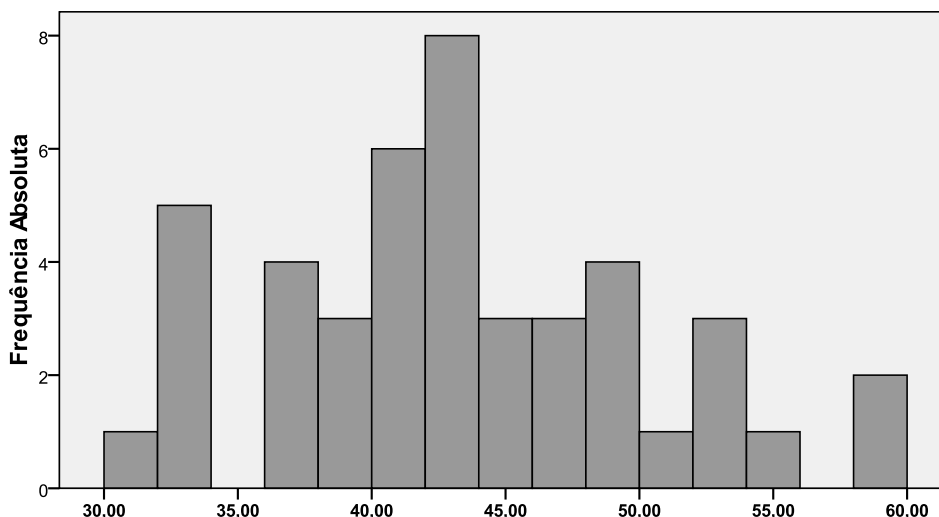


Figura 7. Histograma da idade das mães

Quando se analisa a escolarização dos pais dos inquiridos (Figuras 6 e 7), verifica-se que a maioria dos pais (72,5% - 29 indivíduos) não possui a escolaridade obrigatória. Por sua vez, também no grupo das mães se verifica igual tendência, pese embora, menos acentuada, ou seja, 65,9% das mães (27 indivíduos) também não concluíram a escolaridade obrigatória.

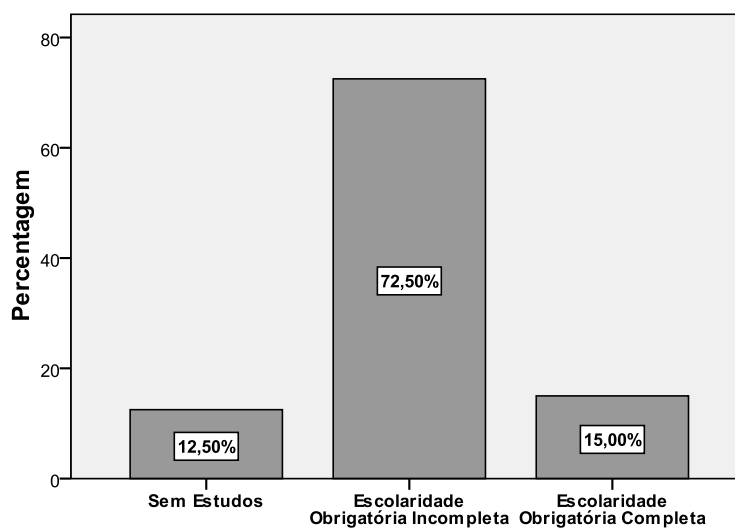


Figura 8. Diagrama de barras da escolarização dos pais

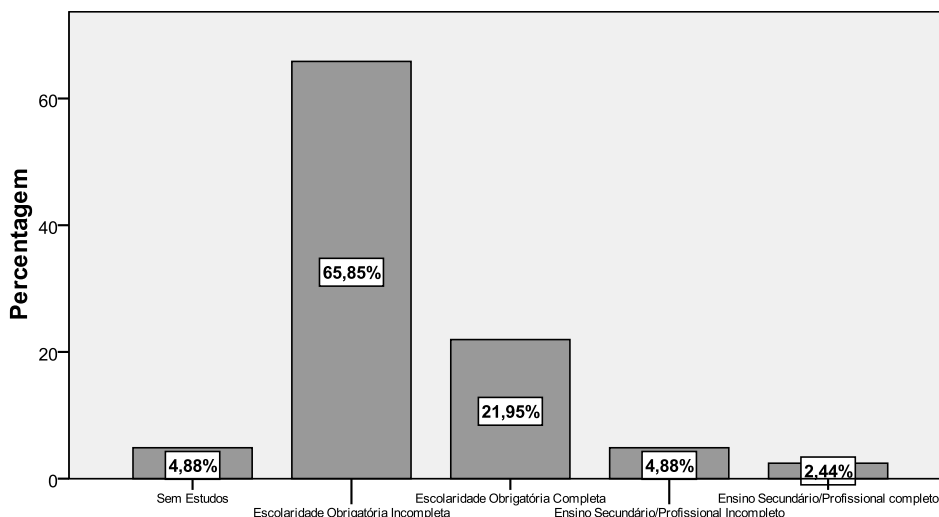


Figura 9. Diagrama de barras da escolarização das mães

Na Figura 10, observa-se que aproximadamente metade dos inquiridos (55,6% - 25 indivíduos) vive no seio de uma família tradicional, estando os restantes divididos entre famílias monoparentais (17,8% - 8 indivíduos), famílias reconstruídas (13,3% - 6 indivíduos), instituições de acolhimento (6,67% - 3 indivíduos) e outros familiares que não os pais (6,67% - 3 indivíduos).

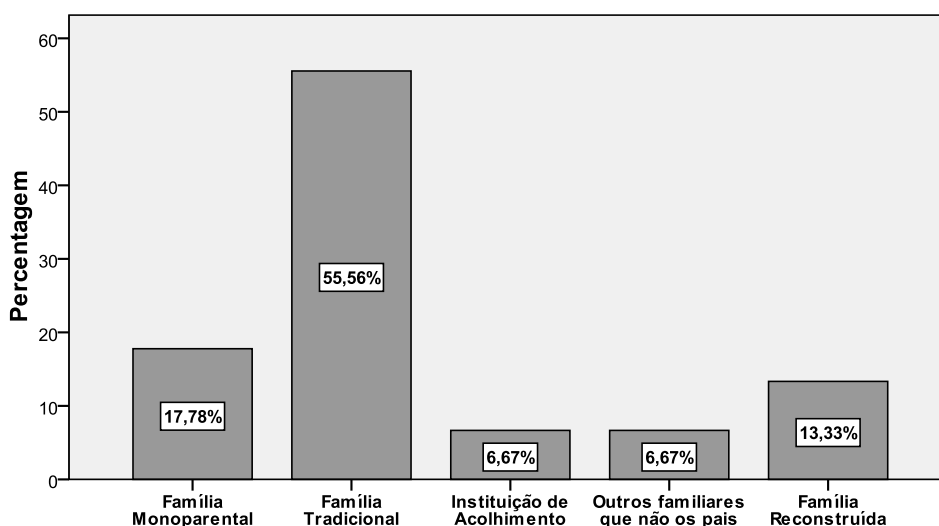
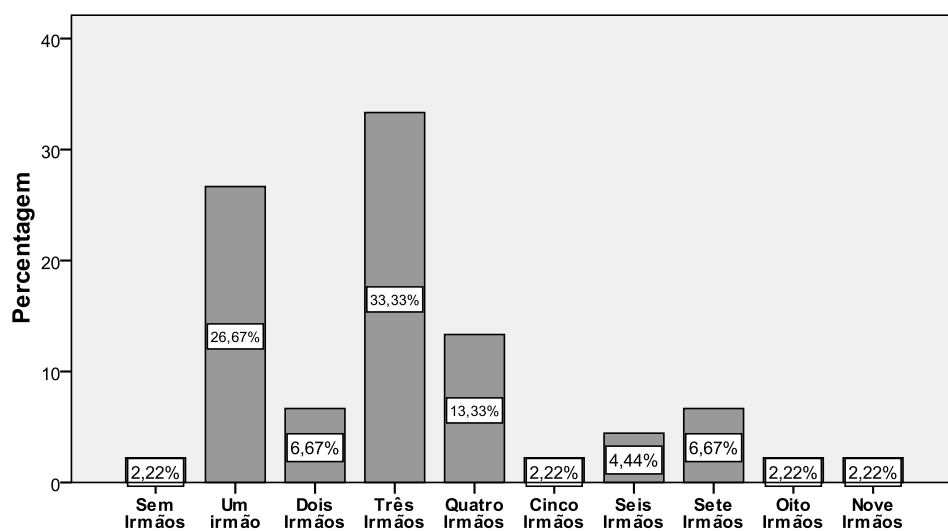


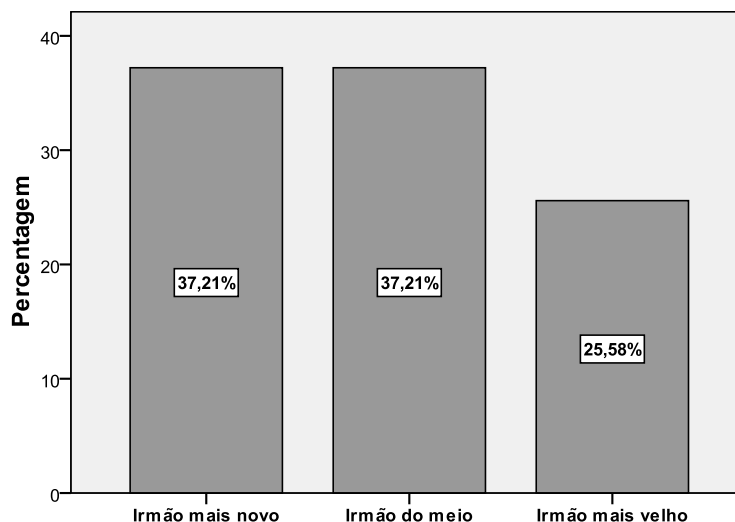
Figura 10. Diagrama de barra do tipo de família dos inquiridos

Na Figura 11 pode observar-se que a esmagadora maioria dos inquiridos tem irmãos (97,8% - 43 indivíduos). Assim, a quantidade de irmãos dos inquiridos oscila entre nenhum e nove, correspondendo o número mais comum a três (33,33% - 15 indivíduos).



*Figura 11.* Diagrama de barra do número de irmãos dos inquiridos

Na Figura 12 pode verificar-se que dentro dos inquiridos que têm irmãos, 37,2% (16 indivíduos) referiram serem o irmão mais novo, outros 37,2% (16 indivíduos) mencionaram serem o irmão do meio, tendo os restantes 25,6% (11 indivíduos) referido serem o irmão mais velho.



*Figura 12.* Diagrama de barra da fratria dos inquiridos

## **2. INSTRUMENTOS**

Foi construído o *Questionário de Dados Sócio-Demográficos e Familiares* (QDSDF) com o objectivo de caracterizar e descrever a amostra do estudo.

Utilizaram-se ainda, nesta investigação, instrumentos de auto-resposta que permitiram avaliar a percepção dos adolescentes dos seus problemas, nomeadamente o inventário *Youth Self Report (YSR)*, e dos estilos parentais dos seus pais através da *Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29)* (Musitu & García, 2001, 2004a,b).

### **2.1 Questionário de Dados Sócio-Demográficos e Familiares**

O *Questionário de Dados Sócio-Demográficos e Familiares*, permitiu recolher informação sobre dados de identificação dos inquiridos, nomeadamente informações sociais e demográficas, como a idade e sexo, o ano de escolaridade que frequenta (entre

outras informações académicas), nacionalidade e naturalidade, localidade de residência e tipologia de habitação (colégio ou casa própria), dados familiares (idade, escolaridade e profissão/situação profissional dos pais, com quem vivem e número de irmãos) e, situação escolar (escolaridade, número de reprovações, frequência ou não em PIEF).

## **2.2 Escala de Estilos de Socialização Parental na Adolescência (ESPA29, Musitu & García, 2001, 2004)**

A Escala de Estilos de Socialização Parental na Adolescência (ESPA29, Musitu & García, 2001, 2004a) permite avaliar os estilos/tipos de socialização das mães (*firme*, permissivo, autoritário e negligente), a partir de duas dimensões gerais que explicam os seus padrões de comportamento: a Aceitação/Implicação e a Coerção/Imposição, em diversos cenários representativos da vida quotidiana de famílias Ocidentais.

Esta escala pode ser administrada individual ou colectivamente, sendo dirigida para adolescentes com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos. Nesta investigação a administração foi de acordo com as características dos indivíduos (autonomia) e condições para a aplicação, tendo sido algumas vezes individual outras colectiva. O tempo de aplicação foi de 30 a 45 minutos, tendo em conta a especificidade dos inquiridos, incluindo a sua correcção.

Nesta escala o adolescente avalia o comportamento da mãe em 29 situações significativas, das quais se obtém uma medida global para cada um nas principais dimensões de Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição. A partir das pontuações destas duas dimensões, pode-se obter estimativas mais detalhadas sobre as suas sub-escalas: na Aceitação/Implicação, o afecto, a indiferença, o diálogo e a displicência, e na de Coerção/Imposição, a coerção verbal, a coerção física e a privação e ainda tipificar o estilo de socialização de cada pai. Destas 29 situações, 16 são negativas (ex:

“Se não estudo ou não quero fazer os trabalhos/tarefas da escola...” e 13 positivas (ex: “se respeito e cumpro os horários estabelecidos na minha casa...”).

As situações positivas são analisadas em termos de Aceitação/Implicação, quanto ao grau de afecto (com a expressão *mostra-me carinho*) e indiferença (*mostra-se indiferente*) (Musitu & García, 2004a). Nas situações negativas, consideram-se simultaneamente as duas dimensões de Aceitação/Implicação, mediante o diálogo (*Fala comigo*) e a displicência (*não liga*), e Coerção/Imposição, mediante a coerção verbal (*discute comigo*), a coerção física (*bate-me*) e a privação (*proíbe-me de...*). A Aceitação/Implicação é constituída por 4 sub-escalas, nomeadamente o afecto, a indiferença, o diálogo e a displicência, enquanto que a Coerção/Imposição reúne as sub-escalas privação, coerção verbal e coerção física (Musitu & García, 2001, 2004a).

### **2.3 Youth Self Report**

O Youth Self Report (YSR) é um questionário de auto-avaliação (Achenbach, 1991 – tradução e adaptação portuguesa de Fonseca, Simões, Almeida & Dias, 1994). Tem por objectivo descrever e avaliar as competências sociais e os problemas de comportamento da criança/adolescente, tal como são percebidos pela criança/adolescente. É composto por duas partes sendo que apenas interessou a resposta aos 112 itens iniciais, onde é possível analisar os problemas de internalização e externalização. Nos problemas de internalização estão as sub-escalas depressão, queixas somáticas, problemas de relação e conduta fóbica e ansiosa. Nas condutas de externalização é analisado a agressividade verbal, busca de atenção, conduta, problemas de conduta em geral e relacionados com a saúde.

### **3. PROCEDIMENTO DE RECOLHA DE DADOS**

Para o desenvolvimento do estudo, os dados foram recolhidos nas escolas onde se encontram integradas as turmas PIEF, em Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão e Salir.

Antes da aplicação dos instrumentos, foram realizados contactos prévios com a coordenação das turmas PIEF, mais em concreto com o Programa para a Prevenção da Exploração do Trabalho Infantil (PETI), (actualmente a coordenação é da responsabilidade do PIEC – Programa para a Inclusão e Cidadania), na delegação regional e nacional, de modo a obter a autorização para a participação dos jovens.

Foi encaminhada ainda, através das Técnicas de Intervenção Local (TIL) das turmas, um documento para os pais e/ou encarregados de educação dos jovens, com uma explicação sintetizada sobre os objectivos e pertinência do estudo, acompanhado de um consentimento informado que estes assinaram caso autorizassem os filhos a participar na investigação.

Após isto, os dados foram recolhidos de forma individual e colectiva, de acordo com o parecer das TIL sobre a melhor forma de aplicação dos questionários tendo em conta as características dos jovens (ex. autonomia, facilidade na compreensão e leitura, entre outros) e o local de aplicação (salas disponíveis, barulho).

Previamente à aplicação dos instrumentos, foi dada uma explicação aos sujeitos acerca dos objectivos e importância da investigação.

#### **4. PROCEDIMENTO DE TRATAMENTO DE DADOS**

Após a recolha dos dados, estes foram tratados recorrendo-se ao pacote de *software* estatístico SPSS 17. Durante a análise dos dados recorreu-se a análises de frequências e de medidas descritivas, assim como a alguns testes de hipóteses e medidas de associação:

1. Testes t para amostra independentes, sempre que se pretendesse comparar a média de uma variável entre dois grupos independentes;
2. Análises de Variância a um factor, sempre que se pretendesse comparar a média de uma variável entre três grupos independentes;
3. Coeficientes de Correlação Pearson, sempre que o objectivo fosse averiguar a associação entre duas variáveis quantitativas (intervalares e/ou de rácio);
4. Coeficientes de Correlação de Spearman, sempre que o objectivo fosse averiguar a associação entre uma variável quantitativa e outra ordinal.

O nível de significância alfa utilizado no presente estudo foi de 5%.

## **CAPÍTULO VI – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

### *Análise Descritiva do Youth Self Report (YSR) e da Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29)*

Na Tabela 1 verifica-se que as médias dos Problemas de Internalização e de Externalização são respectivamente 22,13 ( $DP = 11,50$ ) e 27,13 ( $DP = 12,17$ ), por sua vez, a média dos Problemas de Comportamentais Gerais é de 53,29 ( $DP = 23,96$ ). Uma análise mais pormenorizada das médias mencionadas, ou seja, tendo em conta as amplitudes das escalas em estudo e dos seus respectivos pontos intermédios, permite-nos sugerir que os valores se afiguram como relativamente baixos.

Ainda na Tabela 1 podem observar-se os resultados relativos ao ESPA29, assim, destaca-se a sub-escala do Afecto como a que tem a média mais elevada ( $M = 2,39$ ;  $DP = 0,74$ ), sendo seguida pela do Diálogo ( $M = 1,78$ ;  $DP = 0,69$ ). Por outro lado, as sub-escalas da Coerção Física ( $M = 1,10$ ;  $DP = 0,24$ ) e da Privação ( $M = 1,42$ ;  $DP = 0,44$ ) são as que apresentam as médias mais baixas. Note-se que quando se tem em conta a amplitude destas sub-escalas os valores são todos relativamente baixos. Por fim, verifica-se que as médias da Aceitação/Envolvimento e da Coerção/Imposição são respectivamente de 2,69 ( $DP = 0,50$ ) e 1,43 ( $DP = 0,29$ ).

Tabela 1

*Medidas Descritivas do Youth Self Report (YSR) e da Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29)*

|                       | <b>N</b> | <b>Mínimo</b> | <b>Máximo</b> | <b>Média</b> | <b>Desvio Padrão</b> |
|-----------------------|----------|---------------|---------------|--------------|----------------------|
| <b>YSR</b>            |          |               |               |              |                      |
| <b>Problemas de</b>   | 45       | 4,00          | 55,00         | 22,13        | 11,50                |
| <b>Internalização</b> |          |               |               |              |                      |

|   |    |       |        |       |       |
|---|----|-------|--------|-------|-------|
| <b>Problemas de Externalização</b>      | 45 | 9,00  | 57,00  | 27,31 | 12,17 |
| <b>Problemas Comportamentais Gerais</b> | 45 | 13,00 | 121,00 | 53,29 | 23,96 |
| <b>ESPA29</b>                           |    |       |        |       |       |
| <b>Afecto</b>                           | 45 | 1,00  | 4,00   | 2,39  | ,74   |
| <b>Indiferença</b>                      | 45 | 1,00  | 4,00   | 1,73  | ,61   |
| <b>Displícência</b>                     | 45 | 1,00  | 4,00   | 1,67  | ,58   |
| <b>Coerção Verbal</b>                   | 45 | 1,00  | 3,00   | 1,77  | ,48   |
| <b>Coerção Física</b>                   | 45 | 1,00  | 2,44   | 1,10  | ,24   |
| <b>Privação</b>                         | 45 | 1,00  | 2,56   | 1,42  | ,44   |
| <b>Diálogo</b>                          | 45 | 1,00  | 3,75   | 1,78  | ,69   |
| <b>Aceitação/Envolvimento</b>           | 45 | 1,00  | 3,94   | 2,69  | ,50   |
| <b>Coerção/Imposição</b>                | 45 | 1,00  | 2,23   | 1,43  | ,29   |

*Análise Correlacional Entre o Youth Self Report (YSR) e a Escala de Estilos de Socialização Parental en la Adolescencia (ESPA29)*

A observação da Tabela 2 permite-nos concluir que ao analisar-se a relação existente entre as variáveis resultantes do YSR e do ESPA29 só se encontram três associações estatisticamente significativas:

1. Existe uma correlação positiva de magnitude fraca entre os Problemas de Internalização e a Privação ( $r = ,33$ ;  $N = 45$ ;  $p = ,026$ ), ou seja, há uma tendência para os problemas de internalização serem maiores na medida em que a privação é também ela mais acentuada ou vice-versa;
2. Existe uma correlação positiva de magnitude fraca entre os Problemas de Internalização e a Coerção/Imposição ( $r = ,35$ ;  $N = 45$ ;  $p = ,019$ ), ou seja, há uma tendência para os problemas de internalização serem maiores na medida em

que o estilo de socialização parental de coerção/imposição é também ele mais acentuado ou vice-versa;

3. Existe uma correlação positiva de magnitude fraca entre os Problemas Comportamentais Gerais e a Coerção/Imposição ( $r = ,30$ ;  $N = 45$ ;  $p = ,046$ ), isto é, há uma tendência para os problemas comportamentais gerais serem mais acentuados na medida em que o estilo coercivo/impositivo é também ele mais acentuado ou vice-versa.

Tabela 2

*Correlações Entre o Youth Self Report (YSR) e a Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29)*

|                       |               | Problemas de<br>Internalização | Problemas de<br>Externalização | Problemas<br>Comportamentais Gerais |
|-----------------------|---------------|--------------------------------|--------------------------------|-------------------------------------|
| <b>Afecto</b>         | r             | ,272                           | ,089                           | ,190                                |
|                       | p (bilateral) | ,070                           | ,559                           | ,210                                |
|                       | N             | 45                             | 45                             | 45                                  |
| <b>Indiferença</b>    | r             | -,112                          | -,093                          | -,103                               |
|                       | p (bilateral) | ,462                           | ,543                           | ,501                                |
|                       | N             | 45                             | 45                             | 45                                  |
| <b>Displícência</b>   | r             | -,143                          | -,068                          | -,113                               |
|                       | p (bilateral) | ,347                           | ,657                           | ,461                                |
|                       | N             | 45                             | 45                             | 45                                  |
| <b>Coerção Verbal</b> | r             | ,217                           | ,258                           | ,250                                |
|                       | p (bilateral) | ,153                           | ,087                           | ,098                                |
|                       | N             | 45                             | 45                             | 45                                  |
| <b>Coerção Física</b> | r             | ,224                           | ,126                           | ,180                                |
|                       | p (bilateral) | ,139                           | ,409                           | ,237                                |
|                       | N             | 45                             | 45                             | 45                                  |
| <b>Privação</b>       | r             | ,333*                          | ,128                           | ,224                                |

|                                |               |       |      |       |
|--------------------------------|---------------|-------|------|-------|
|                                | p (bilateral) | ,026  | ,401 | ,138  |
|                                | N             | 45    | 45   | 45    |
| <b>Diálogo</b>                 | r             | ,197  | ,037 | ,111  |
|                                | p (bilateral) | ,194  | ,808 | ,467  |
|                                | N             | 45    | 45   | 45    |
| <b>Aceitação/ Envolvimento</b> | r             | ,246  | ,095 | ,174  |
|                                | p (bilateral) | ,103  | ,537 | ,254  |
|                                | N             | 45    | 45   | 45    |
| <b>Coerção/Imposição</b>       | r             | ,347* | ,241 | ,299* |
|                                | p (bilateral) | ,019  | ,110 | ,046  |
|                                | N             | 45    | 45   | 45    |

*Youth Self Report (YSR) e a Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29) por Género*

Ao analisar-se a Tabela 3, conclui-se que não existem quaisquer evidências estatísticas, que permitam sustentar a hipótese de que os padrões gerais de carácter psicopatológico e os estilos de socialização parental sejam diferentes entre inquiridos masculinos e femininos. Não obstante o mencionado, destaca-se que os inquiridos masculinos apresentam menores problemas de internalização ( $M = 21,26$ ;  $DP = 11,45$ ) do que os femininos ( $M = 25,20$ ;  $DP = 11,75$ ); invertendo-se essa tendência nos problemas de externalização, isto é, nesta variável os inquiridos femininos apresentam médias menores ( $M = 23,60$ ;  $DP = 9,3$ ) do que as dos masculinos ( $M = 28,37$ ;  $DP = 12,79$ ). Quando se comparam as médias resultantes das sub-escalas do ESPA29, realça-se o facto da média da Privação dos alunos masculinos ( $M = 1,36$ ;  $DP = 0,38$ ) ser menor que a dos femininos ( $M = 1,61$ ;  $DP = 0,58$ ).

Tabela 3

*Testes t: Youth Self Report (YSR) e Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29) por Género*

|   |           | n  | Média | Desvio |       | t  | gl   | p (bilateral) |
|---|-----------|----|-------|--------|-------|----|------|---------------|
|   |           |    |       | Padrão |       |    |      |               |
| <b>Problemas de Internalização</b>      | Masculino | 35 | 21,26 | 11,45  | -,96  | 43 | ,345 |               |
|   | Feminino  | 10 | 25,20 | 11,75  |       |    |      |               |
| <b>Problemas de Externalização</b>      | Masculino | 35 | 28,37 | 12,79  | 1,10  | 43 | ,279 |               |
|   | Feminino  | 10 | 23,60 | 9,30   |       |    |      |               |
| <b>Problemas Comportamentais Gerais</b> | Masculino | 35 | 53,66 | 25,24  | ,19   | 43 | ,850 |               |
|   | Feminino  | 10 | 52,00 | 19,92  |       |    |      |               |
| <b>Afecto</b>                           | Masculino | 35 | 2,36  | 0,76   | -,62  | 43 | ,540 |               |
|   | Feminino  | 10 | 2,52  | 0,70   |       |    |      |               |
| <b>Indiferença</b>                      | Masculino | 35 | 1,71  | 0,61   | -,48  | 43 | ,633 |               |
|   | Feminino  | 10 | 1,82  | 0,61   |       |    |      |               |
| <b>Displícência</b>                     | Masculino | 35 | 1,67  | 0,61   | ,00   | 43 | ,997 |               |
|   | Feminino  | 10 | 1,67  | 0,47   |       |    |      |               |
| <b>Coerção Verbal</b>                   | Masculino | 35 | 1,78  | 0,51   | ,41   | 43 | ,684 |               |
|   | Feminino  | 10 | 1,71  | 0,37   |       |    |      |               |
| <b>Coerção Física</b>                   | Masculino | 35 | 1,11  | 0,27   | ,58   | 43 | ,566 |               |
|   | Feminino  | 10 | 1,06  | 0,13   |       |    |      |               |
| <b>Privação</b>                         | Masculino | 35 | 1,36  | 0,38   | -1,57 | 43 | ,123 |               |
|   | Feminino  | 10 | 1,61  | 0,58   |       |    |      |               |
| <b>Diálogo</b>                          | Masculino | 35 | 1,79  | 0,7    | ,22   | 43 | ,823 |               |
|   | Feminino  | 10 | 1,73  | 0,69   |       |    |      |               |
| <b>Aceitação/ Envolvimento</b>          | Masculino | 35 | 2,69  | 0,52   | ,00   | 43 | ,998 |               |
|   | Feminino  | 10 | 2,69  | 0,44   |       |    |      |               |
| <b>Coerção/Imposição</b>                | Masculino | 35 | 1,42  | 0,30   | -,38  | 43 | ,708 |               |
|   | Feminino  | 10 | 1,46  | 0,27   |       |    |      |               |

*Análise Correlacional Entre o Youth Self Report (YSR), a Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29) e a Idade dos Inquiridos e a Idade dos Pais*

A observação da Tabela 4, permite-nos concluir que ao analisar-se a relação existente entre as variáveis resultantes do YSR e do ESPA29 com as idades dos inquiridos e dos seus pais, só se encontra uma associação estatisticamente significativa, mais concretamente, pôde verificar-se que há uma tendência de magnitude fraca para as mães manterem um estilo de socialização baseada no Afecto menos acentuado na medida em que têm mais idade ( $r = -,33; N = 45; p = ,028$ ).

Destaca-se ainda uma correlação marginalmente significativa entre a idade dos inquiridos e a Privação ( $r = -,28; N = 45; p = ,064$ ), ou seja, há uma tendência fraca para a percepção de um estilo de socialização parental baseada na privação ser menor na medida em que os inquiridos têm mais idade.

Tabela 4

*Correlações Entre a Idade dos Inquiridos, Idade dos Pais e Mães e o Youth Self Report (YSR) e a Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29)*

|                               |               | <b>Idade</b> | <b>Idade Pai</b> | <b>Idade Mãe</b> |
|-------------------------------|---------------|--------------|------------------|------------------|
| <b>Problemas de</b>           | r             | ,023         | -,137            | -,206            |
| <b>Internalização</b>         | p (bilateral) | ,880         | ,399             | ,179             |
|                               | N             | 45           | 40               | 44               |
| <b>Problemas de</b>           | r             | ,053         | ,072             | -,167            |
| <b>Externalização</b>         | p (bilateral) | ,729         | ,658             | ,279             |
|                               | N             | 45           | 40               | 44               |
| <b>Problemas</b>              | r             | ,049         | -,042            | -,209            |
| <b>Comportamentais Gerais</b> | p (bilateral) | ,749         | ,796             | ,174             |
|                               | N             | 45           | 40               | 44               |

|                               |               |       |       |        |
|-------------------------------|---------------|-------|-------|--------|
| <b>Afecto</b>                 | r             | -,102 | -,214 | -,331* |
|                               | p (bilateral) | ,507  | ,184  | ,028   |
|                               | N             | 45    | 40    | 44     |
| <b>Indiferença</b>            | r             | -,092 | -,083 | ,044   |
|                               | p (bilateral) | ,547  | ,611  | ,775   |
|                               | N             | 45    | 40    | 44     |
| <b>Displicência</b>           | r             | -,116 | -,034 | -,024  |
|                               | p (bilateral) | ,448  | ,833  | ,875   |
|                               | N             | 45    | 40    | 44     |
| <b>Coerção Verbal</b>         | r             | ,014  | -,123 | -,145  |
|                               | p (bilateral) | ,928  | ,451  | ,347   |
|                               | N             | 45    | 40    | 44     |
| <b>Coerção Física</b>         | r             | -,160 | -,140 | -,113  |
|                               | p (bilateral) | ,294  | ,387  | ,467   |
|                               | N             | 45    | 40    | 44     |
| <b>Privação</b>               | r             | -,278 | -,252 | -,215  |
|                               | p (bilateral) | ,064  | ,116  | ,161   |
|                               | N             | 45    | 40    | 44     |
| <b>Diálogo</b>                | r             | -,049 | -,115 | -,163  |
|                               | p (bilateral) | ,748  | ,481  | ,292   |
|                               | N             | 45    | 40    | 44     |
| <b>Aceitação/Envolvimento</b> | r             | ,007  | -,080 | -,184  |
|                               | p (bilateral) | ,963  | ,625  | ,232   |
|                               | N             | 45    | 40    | 44     |
| <b>Coerção/Imposição</b>      | r             | -,175 | -,234 | -,219  |
|                               | p (bilateral) | ,249  | ,145  | ,154   |
|                               | N             | 45    | 40    | 44     |

*Análise Correlacional Entre o Youth Self Report (YSR), a Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29) e o Ano Escolar Frequentado e a Escolarização dos Pais*

A observação da Tabela 5, permite-nos concluir que ao analisar-se a relação existente entre as variáveis resultantes do YSR e do ESPA29 com o ano escolar frequentado e a escolarização dos pais, encontra-se uma associação estatisticamente significativa e duas que se podem considerar marginalmente significativas para um nível de significância de 5% :

1. Existe uma correlação positiva de magnitude fraca entre a escolarização das mães e a Aceitação/Envolvimento ( $r_s = ,31$ ;  $N = 45$ ;  $p = ,045$ ), ou seja, há uma tendência para a adopção de um estilo de socialização parental baseado na aceitação/envolvimento por parte das mães ser mais frequente na medida em que estas são mais escolarizadas;
2. Observa-se uma tendência para existir uma correlação positiva de magnitude fraca entre a escolarização das mães e o Afecto ( $r_s = ,29$ ;  $N = 45$ ;  $p = ,066$ ), ou seja, há uma tendência para as mães adoptarem com mais frequência um estilo de socialização parental baseada no afecto na medida em que são mais escolarizadas;
3. Observa-se uma tendência para existir uma correlação positiva de magnitude fraca entre a escolarização das mães e a Indiferença ( $r_s = -,31$ ;  $N = 45$ ;  $p = ,052$ ), ou seja, há uma tendência para as mães adoptarem com menos frequência um estilo de socialização parental baseada na privação na medida em que são mais escolarizadas.

Tabela 5

*Correlações Entre o Ano Escolar Frequentado Pelos Inquiridos, Escolaridade dos Pais e Mães e o Youth Self Report (YSR) e a Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29)*

|                        |               | Escolaridade Pai | Escolaridade Mãe | Ano   |
|------------------------|---------------|------------------|------------------|-------|
| <b>Problemas de</b>    | $r_s$         | ,133             | -,081            | ,093  |
| <b>Internalização</b>  | p (bilateral) | ,412             | ,616             | ,546  |
|                        | N             | 40               | 41               | 45    |
| <b>Problemas de</b>    | $r_s$         | ,161             | ,177             | -,083 |
| <b>Externalização</b>  | p (bilateral) | ,322             | ,267             | ,587  |
|                        | N             | 40               | 41               | 45    |
| <b>Problemas</b>       | $r_s$         | ,154             | ,090             | -,010 |
| <b>Comportamentais</b> | p (bilateral) | ,342             | ,576             | ,949  |
| <b>Gerais</b>          | N             | 40               | 41               | 45    |
| <b>Afecto</b>          | $r_s$         | ,202             | ,290             | -,018 |
|                        | p (bilateral) | ,210             | ,066             | ,907  |
|                        | N             | 40               | 41               | 45    |
| <b>Indiferença</b>     | $r_s$         | ,042             | -,306            | ,053  |
|                        | p (bilateral) | ,798             | ,052             | ,728  |
|                        | N             | 40               | 41               | 45    |
| <b>Displícência</b>    | $r_s$         | ,118             | ,060             | ,002  |
|                        | p (bilateral) | ,468             | ,710             | ,987  |
|                        | N             | 40               | 41               | 45    |
| <b>Coerção Verbal</b>  | $r_s$         | ,116             | ,013             | -,049 |
|                        | p (bilateral) | ,475             | ,934             | ,751  |
|                        | N             | 40               | 41               | 45    |
| <b>Coerção Física</b>  | $r_s$         | ,105             | -,022            | ,199  |
|                        | p (bilateral) | ,520             | ,893             | ,189  |
|                        | N             | 40               | 41               | 45    |
| <b>Privação</b>        | $r_s$         | ,230             | ,122             | ,117  |
|                        | p (bilateral) | ,153             | ,447             | ,446  |

|                                    |               |      |       |      |
|------------------------------------|---------------|------|-------|------|
|                                    | N             | 40   | 41    | 45   |
| <b>Diálogo</b>                     | $r_s$         | ,191 | ,228  | ,146 |
|                                    | p (bilateral) | ,239 | ,151  | ,337 |
|                                    | N             | 40   | 41    | 45   |
| <b>Aceitação/<br/>Envolvimento</b> | $r_s$         | ,187 | ,314* | ,031 |
|                                    | p (bilateral) | ,248 | ,045  | ,839 |
|                                    | N             | 40   | 41    | 45   |
| <b>Coerção/Imposição</b>           | $r_s$         | ,217 | ,102  | ,009 |
|                                    | p (bilateral) | ,178 | ,526  | ,952 |
|                                    | N             | 40   | 41    | 45   |

*Youth Self Report (YSR) e a Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29) por Situação Familiar*

Ao analisar-se a Tabela 6, conclui-se que não existem quaisquer evidências estatísticas, que permitam sustentar a hipótese de que os padrões gerais de carácter psicopatológico e os estilos de socialização parental sejam diferentes entre inquiridos que tenham uma família tradicional (a viverem com ambos os pais) ou os que tenham uma família não tradicional (monoparental, reconstruída, a viverem com outros familiares que não os pais ou a viverem numa instituição de acolhimento).

Apesar do mencionado, destaca-se que os inquiridos com famílias tradicionais apresentam uma tendência para terem mais problemas de internalização e de externalização, sendo também os problemas comportamentais gerais mais acentuados neste grupo. Por outro lado, em termos de estilos de socialização parental as diferenças são inexistentes na Coerção/Imposição, existindo uma diferença sem qualquer expressão na Aceitação/Envolvimento.

Tabela 6

*Testes t: Youth Self Report (YSR) e Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29) por Tipologia Familiar dos Inquiridos*

|   |                         | n  | Média | Desvio |       | t  | gl   | p (bilateral) |
|---|-------------------------|----|-------|--------|-------|----|------|---------------|
|   |                         |    |       | Padrão |       |    |      |               |
| <b>Problemas de Internalização</b>      | Família não tradicional | 20 | 20,90 | 10,42  | -,639 | 43 | ,526 |               |
|   | Família tradicional     | 25 | 23,12 | 12,42  |       |    |      |               |
| <b>Problemas de Externalização</b>      | Família não tradicional | 20 | 26,00 | 11,91  | -,642 | 43 | ,524 |               |
|   | Família tradicional     | 25 | 28,36 | 12,52  |       |    |      |               |
| <b>Problemas Comportamentais Gerais</b> | Família não tradicional | 20 | 51,10 | 22,37  | -,544 | 43 | ,589 |               |
|   | Família tradicional     | 25 | 55,04 | 25,47  |       |    |      |               |
| <b>Afecto</b>                           | Família não tradicional | 20 | 2,52  | 0,79   | 1,042 | 43 | ,303 |               |
|   | Família tradicional     | 25 | 2,29  | 0,69   |       |    |      |               |
| <b>Indiferença</b>                      | Família não tradicional | 20 | 1,81  | 0,73   | ,731  | 43 | ,469 |               |
|   | Família tradicional     | 25 | 1,67  | 0,49   |       |    |      |               |
| <b>Displicência</b>                     | Família não tradicional | 20 | 1,76  | 0,7    | ,942  | 43 | ,352 |               |
|   | Família tradicional     | 25 | 1,60  | 0,46   |       |    |      |               |
| <b>Coerção Verbal</b>                   | Família não tradicional | 20 | 1,73  | 0,42   | -,532 | 43 | ,598 |               |

|                                    |                         |    |      |      |        |    |      |
|------------------------------------|-------------------------|----|------|------|--------|----|------|
|                                    | Família tradicional     | 25 | 1,80 | 0,53 |        |    |      |
| <b>Coerção Física</b>              | Família não tradicional | 20 | 1,12 | 0,33 | ,560   | 43 | ,579 |
|                                    | Família tradicional     | 25 | 1,08 | 0,16 |        |    |      |
| <b>Privação</b>                    | Família não tradicional | 20 | 1,44 | 0,43 | ,350   | 43 | ,728 |
|                                    | Família tradicional     | 25 | 1,40 | 0,45 |        |    |      |
| <b>Diálogo</b>                     | Família não tradicional | 20 | 1,66 | 0,68 | -1,004 | 43 | ,321 |
|                                    | Família tradicional     | 25 | 1,87 | 0,7  |        |    |      |
| <b>Aceitação/<br/>Envolvimento</b> | Família não tradicional | 20 | 2,65 | 0,58 | -,458  | 43 | ,649 |
|                                    | Família tradicional     | 25 | 2,72 | 0,43 |        |    |      |
| <b>Coerção/Imposição</b>           | Família não tradicional | 20 | 1,43 | 0,3  | ,038   | 43 | ,970 |
|                                    | Família tradicional     | 25 | 1,43 | 0,29 |        |    |      |

*Youth Self Report (YSR) e a Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29) por Fratria*

Ao analisar-se a Tabela 7, conclui-se que não existem quaisquer evidências estatísticas, que permitam sustentar a hipótese de que os padrões gerais de carácter psicopatológico e os estilos de socialização parental sejam diferentes entre inquiridos consoante a sua posição na fratria (irmão mais novo, irmão do meio, irmão mais velho).

Apesar do mencionado, destaca-se que os inquiridos que estão na última posição em termos de fratria, isto é, os mais novos, apresentam uma tendência para terem menos problemas de internalização e de externalização, sendo também os problemas comportamentais gerais menos acentuados neste grupo. Por outro lado, em termos de estilos de socialização parental observaram-se diferenças muito ligeiras, nomeadamente, as médias do Afecto e da Aceitação/Envolvimento são mais baixas nos inquiridos que ocupam a posição do irmão mais novo, sendo as médias da Indiferença, Displícência e Privação mais elevadas nesse grupo.

Tabela 7

*Análises de Variância: Youth Self Report (YSR) e Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29) por Fratria*

|                                    |                  | Desvio |       |        |      |         |               |
|------------------------------------|------------------|--------|-------|--------|------|---------|---------------|
|                                    |                  | n      | Média | Padrão | F    | gl1/gl2 | p (bilateral) |
| <b>Problemas de Internalização</b> | Irmão mais novo  | 16     | 20,13 | 9,68   | 0,62 | 2/40    | 0,55          |
|                                    | Irmão do meio    | 16     | 23,69 | 13,01  |      |         |               |
|                                    | Irmão mais velho | 11     | 24,73 | 12,13  |      |         |               |
| <b>Problemas de Externalização</b> | Irmão mais novo  | 16     | 23,94 | 10,64  | 1,49 | 2/40    | 0,24          |
|                                    | Irmão do meio    | 16     | 27,94 | 12,27  |      |         |               |
|                                    | Irmão mais velho | 11     | 32,18 | 14,34  |      |         |               |

|                          |                  |    |       |       |      |      |      |
|--------------------------|------------------|----|-------|-------|------|------|------|
| <b>Problemas</b>         | Irmão mais novo  | 16 | 46,63 | 18,58 | 1,36 | 2/40 | 0,27 |
| <b>Comportamentais</b>   | Irmão do meio    | 16 | 56,19 | 26,08 |      |      |      |
| <b>Gerais</b>            | Irmão mais velho | 11 | 61,55 | 27,94 |      |      |      |
| <b>Afecto</b>            | Irmão mais novo  | 16 | 2,29  | ,78   | 0,55 | 2/40 | 0,58 |
|                          | Irmão do meio    | 16 | 2,55  | ,74   |      |      |      |
|                          | Irmão mais velho | 11 | 2,49  | ,62   |      |      |      |
| <b>Indiferença</b>       | Irmão mais novo  | 16 | 1,85  | ,75   | 0,9  | 2/40 | 0,41 |
|                          | Irmão do meio    | 16 | 1,58  | ,42   |      |      |      |
|                          | Irmão mais velho | 11 | 1,64  | ,51   |      |      |      |
| <b>Displicência</b>      | Irmão mais novo  | 16 | 1,70  | ,75   | 0,34 | 2/40 | 0,71 |
|                          | Irmão do meio    | 16 | 1,61  | ,43   |      |      |      |
|                          | Irmão mais velho | 11 | 1,52  | ,37   |      |      |      |
| <b>Coerção Verbal</b>    | Irmão mais novo  | 16 | 1,72  | ,54   | 0,18 | 2/40 | 0,84 |
|                          | Irmão do meio    | 16 | 1,81  | ,43   |      |      |      |
|                          | Irmão mais velho | 11 | 1,82  | ,50   |      |      |      |
| <b>Coerção Física</b>    | Irmão mais novo  | 16 | 1,05  | ,16   | 0,43 | 2/40 | 0,65 |
|                          | Irmão do meio    | 16 | 1,14  | ,36   |      |      |      |
|                          | Irmão mais velho | 11 | 1,11  | ,14   |      |      |      |
| <b>Privação</b>          | Irmão mais novo  | 16 | 1,50  | ,55   | 0,47 | 2/40 | 0,63 |
|                          | Irmão do meio    | 16 | 1,35  | ,33   |      |      |      |
|                          | Irmão mais velho | 11 | 1,47  | ,41   |      |      |      |
| <b>Diálogo</b>           | Irmão mais novo  | 16 | 1,78  | ,71   | 0,08 | 2/40 | 0,92 |
|                          | Irmão do meio    | 16 | 1,84  | ,84   |      |      |      |
|                          | Irmão mais velho | 11 | 1,73  | ,47   |      |      |      |
| <b>Aceitação/</b>        | Irmão mais novo  | 16 | 2,63  | ,62   | 0,56 | 2/40 | 0,58 |
| <b>Envolvimento</b>      | Irmão do meio    | 16 | 2,80  | ,38   |      |      |      |
|                          | Irmão mais velho | 11 | 2,76  | ,34   |      |      |      |
| <b>Coerção/Imposição</b> | Irmão mais novo  | 16 | 1,42  | ,36   | 0,07 | 2/40 | 0,93 |
|                          | Irmão do meio    | 16 | 1,43  | ,29   |      |      |      |
|                          | Irmão mais velho | 11 | 1,47  | ,21   |      |      |      |

*Análise Correlacional Entre o Youth Self Report (YSR), a Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29) e o Número de Irmãos e o Ano Escolar Frequentado*

A observação da Tabela 8, permite-nos concluir que ao analisar-se a relação existente entre as variáveis resultantes do YSR e do ESPA29 com o número de reprovações dos inquiridos, assim como com o número de irmãos, não foi possível encontrar qualquer correlação estatisticamente significativa para um nível de significância de 5%. Apesar do mencionado, destaca-se a existência de duas correlações marginalmente significativas:

1. Existe uma tendência de magnitude fraca para a adopção de um estilo de socialização parental baseado na privação ser menos frequente na medida em que o número de irmãos é maior ( $r = -,29; N = 45; p = ,056$ );
2. Existe uma tendência de magnitude fraca para a percepção da adopção de um estilo de socialização parental baseado na privação ser menos frequente na medida em que os inquiridos têm mais reprovações ( $r = -,27; N = 45; p = ,076$ ).

Tabela 8

*Correlações Entre o Número de Irmãos, Número de Reprovações e o Youth Self Report (YSR) e a Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia (ESPA29)*

|                                    |               | <b>Irmãos</b> | <b>Reprovações</b> |
|------------------------------------|---------------|---------------|--------------------|
| <b>Problemas de Internalização</b> | r             | -,086         | ,008               |
|                                    | P (bilateral) | ,574          | ,956               |
|                                    | N             | 45            | 45                 |
| <b>Problemas de Externalização</b> | r             | -,086         | ,122               |
|                                    | P (bilateral) | ,574          | ,427               |
|                                    | N             | 45            | 45                 |
| <b>Problemas Comportamentais</b>   | r             | -,071         | ,080               |

|                               |               |       |       |
|-------------------------------|---------------|-------|-------|
| <b>Gerais</b>                 | P (bilateral) | ,645  | ,600  |
|                               | N             | 45    | 45    |
|                               |               |       |       |
| <b>Afecto</b>                 | r             | -,119 | -,178 |
|                               | P (bilateral) | ,437  | ,242  |
|                               | N             | 45    | 45    |
| <b>Indiferença</b>            | r             | ,025  | -,128 |
|                               | P (bilateral) | ,871  | ,402  |
|                               | N             | 45    | 45    |
| <b>Disciplinência</b>         | r             | -,036 | -,104 |
|                               | P (bilateral) | ,816  | ,495  |
|                               | N             | 45    | 45    |
| <b>Coerção Verbal</b>         | r             | -,064 | ,047  |
|                               | P (bilateral) | ,675  | ,761  |
|                               | N             | 45    | 45    |
| <b>Coerção Física</b>         | r             | ,172  | -,228 |
|                               | P (bilateral) | ,259  | ,132  |
|                               | N             | 45    | 45    |
| <b>Privação</b>               | r             | -,287 | -,273 |
|                               | P (bilateral) | ,056  | ,070  |
|                               | N             | 45    | 45    |
| <b>Diálogo</b>                | r             | -,178 | ,028  |
|                               | P (bilateral) | ,242  | ,854  |
|                               | N             | 45    | 45    |
| <b>Aceitação/Envolvimento</b> | r             | -,103 | ,013  |
|                               | P (bilateral) | ,500  | ,931  |
|                               | N             | 45    | 45    |
| <b>Coerção/Imposição</b>      | r             | -,130 | -,174 |
|                               | P (bilateral) | ,393  | ,254  |
|                               | N             | 45    | 45    |

## **CAPITULO VII - DISCUSSÃO**

Ao pretendermos analisar a influência da qualidade do ambiente familiar na promoção do desenvolvimento dos jovens que integram ou já frequentaram o Projecto Integrado de Educação e Formação (PIEF), focámo-nos essencialmente nos estilos parentais das mães e na análise dos problemas de internalização e externalização/problemas comportamentais gerais destes jovens.

A discussão dos dados referidos anteriormente focar-se-á nos aspectos considerados mais relevantes.

A escolaridade dos inquiridos incide sobretudo ao nível do 6º (28,89%) e 9º ano (28,89%) de escolaridade, visto que as turmas PIEF são de 2º (6º ano) e 3º Ciclo (9º ano). Para os alunos integrarem as turmas PIEF de 2º Ciclo não necessitam obrigatoriamente que ter o 4º ano de escolaridade concluído, até porque são acompanhados por um Professor do 1º Ciclo de forma a ultrapassarem as suas dificuldades e acompanharem as aprendizagens junto dos colegas. Esta situação, embora menos frequente, acontece e prende-se, entre outros factores, por existirem jovens em situação de abandono escolar que não concluíram o 4º ano e, tendo em conta a sua idade, considera-se que será benéfico integrarem uma turma em que se sintam mais confortáveis com os seus pares.

O facto de não existir nenhum jovem que não tenha tido reprovações vai de encontro às características destas turmas. A maioria destes jovens é sinalizada por diversas entidades (ex. Comissões de Protecção de Menores, Escolas, Segurança Social, entre outros) e posteriormente integrados em PIEF por estarem em abandono escolar e/ou fuga à escolaridade mínima obrigatória, apresentado uma ou mais reprovações.

Tendo em conta que as investigações têm mostrado que o comportamento parental tem menos influência no ajustamento social da criança do que as suas próprias

crenças sobre o comportamento dos pais (Domitrovich & Bierman, 2001), considerámos que seria ponto de partida do nosso estudo a análise da percepção dos inquiridos sobre o comportamento dos seus pais.

Em relação à percepção que os jovens têm dos seus pais, relativamente aos seus estilos parentais, verificámos que, na sua maioria, vêem-nos como pais que aceitam os seus argumentos para retirar uma ordem ou imposição. Os jovens encontram-se assim envolvidos nas decisões familiares o que, de acordo com Baldwin (1949), mostra que estes pais utilizam um estilo democrático-recíproco, sendo igualmente uma característica dos pais indulgentes (Musitu & Garcia, 2004).

Consideram ainda que os pais se comportam de forma não punitiva, uma característica dos pais permissivos que se apresentam como fonte de realização dos desejos da criança (Baumrind, 1996; Salvador, 2007; Vitali, 2004).

As mães são referidas como afectuosas e preferem o diálogo à coerção física e privação. Estes resultados confirmam a caracterização dos pais portugueses realizada por Pereira et al. (2009), cujo estilo parental predominante é caracterizado por elevados níveis de suporte emocional.

A percepção que estes jovens têm dos pais, de uma forma geral, mostra que estamos perante pais cujo estilo parental predominante é o indulgente que, ao terem exigência baixa e responsividade alta, caracterizam-se por serem tolerantes, afectuosos, de baixo controle, fomentam o diálogo e actuam como se os seus filhos se tratassem de pessoas maduras que são capazes de regular o seu próprio comportamento (Hutz & Bargadir, 2006; Musitu & Garcia, 2004).

Os adolescentes criados sobre este padrão apresentam pouco envolvimento escolar, baixo rendimento académico, e problemas de comportamento, o que vai de encontro aos resultados encontrados no nosso estudo (Hutz & Bargadir, 2006).

É de realçar a tendência para as mães adoptarem com mais frequência um estilo de socialização parental baseada no afecto e menos na privação na medida em que são mais escolarizadas. Em estudos futuros estes dados poderiam ser correlacionados com a predominância de determinados estilos parentais e a sua percepção por parte dos filhos. Relacionando ainda os resultados das variáveis “afecto” e “privação” por parte das mães com os comportamentos de desobediência dos filhos, estes resultados confirmam que elevados níveis de agressão e desobediência das crianças não levam a disciplina punitiva por parte das mães (Verhoeven et al, 2009).

Em relação à idade dos pais, há uma tendência, embora de magnitude fraca, para as mães manterem um estilo de socialização baseada no afecto menos acentuado na medida em que têm mais idade. Consideramos que a idade é outra variável importante nos estilos parentais, embora não tenhamos encontrado referência à mesma na bibliografia analisada, sendo assim outra proposta para futuros estudos.

O mesmo se aplica à idade dos inquiridos, onde existe uma correlação marginalmente significativa entre a sua idade e a privação, ou seja, uma tendência fraca para a percepção de um estilo de socialização parental baseada na privação ser menor na medida em que os inquiridos têm mais idade, e, à sua escolaridade, onde se verificou uma tendência, embora igualmente de magnitude fraca, para a percepção da adopção de um estilo de socialização parental baseado na privação ser menos frequente na medida em que os inquiridos têm mais reprovações.

Ao analisarmos os problemas de internalização (22,13) e externalização (22,13) /problemas comportamentais gerais (53,29), embora os valores se afigurem como relativamente baixos (tendo em conta a amplitude das escalas em estudo), estes vão de encontro aos estudos analisados sobre o comportamento durante a adolescência, que

focam essencialmente os problemas de externalização<sup>1</sup>, isto porque a maioria dos jovens estão envolvidos em algum nível de comportamento anti-social (delinquência) durante a adolescência (Dékovic, Buis, & Reitz, 2004).

Os pais dos inquiridos utilizam, na sua maioria, o estilo indulgente nas suas práticas parentais. São pais que utilizam menos a privação e coerção/imposição acentuada. Os baixos valores encontrados nos problemas de internalização são característicos dos jovens com pais indulgentes.

Nos resultados confirmámos que quanto maior fosse a privação, a coerção e imposição acentuada, maior eram os problemas de internalização e vice-versa. Para Martinez & Garcia (2007), os adolescentes de pais indulgentes apresentam níveis mais elevados de auto-estima, o que vai igualmente de encontro aos baixos valores dos problemas de internalização. Estes resultados estão de acordo com as pesquisas realizadas no Brasil, que revelam que adolescentes com auto-estima elevada (menores problemas de internalização) tinham pais com maior índice de envolvimento e afecto, uso de reforço positivo e abertura ao diálogo (Salvador, 2007), características referidas pelos jovens sobre os seus pais. O mesmo foi verificado por Parish e Mccluskey (1992) sobre o auto-conceito, em que este estava directamente relacionado com a percepção do nível de afectividade/hostilidade dos seus pais, sendo que os jovens com pais mais afectivos apresentavam maior auto-conceito (Salvador, 2007).

Porém, os pais indulgentes estão próximos de um extremo educativo, o que pode significar problemas acrescidos aos jovens, nomeadamente ao nível do comportamento (Camacho & Matos, 2003), reforçando os resultados (níveis mais elevados nos problemas de externalização/comportamentais gerais).

---

<sup>1</sup> Os comportamentos gerais são analisados como problemas de externalização

De facto, existe uma tendência para os problemas comportamentais gerais serem mais acentuados na medida em que o estilo coercivo/impositivo é também ele mais acentuado e vice-versa.

Embora a maioria dos inquiridos seja do sexo masculino (77,78%), não permitindo comparações significativas entre sexos, encontrámos algumas que consideramos pertinentes.

Relativamente aos padrões gerais de carácter psicopatológico e os estilos de socialização parental, não encontrámos diferenças significativas entre sexos, no entanto, os inquiridos masculinos apresentaram menores problemas de internalização do que os femininos, invertendo-se essa tendência nos problemas de externalização. Outros estudos mostram esta tendência: os rapazes tendem a apresentar mais problemas de comportamento/externalização e as raparigas mais problemas de internalização (ex. depressão, auto-estima), (Nolen-Hoeksema & Girgus, 1994; Zahn-Waxler, 1993).

A média da Privação dos alunos masculinos é menor que a dos femininos, o que é de esperar na nossa sociedade, em que os rapazes são vistos como mais autónomos.

Não se encontraram quaisquer evidências estatísticas, que permitam sustentar a hipótese de que os padrões gerais de carácter psicopatológico e os estilos de socialização parental sejam diferentes entre inquiridos que tenham uma família tradicional (a viver com ambos os pais) ou os que tenham uma família não tradicional (monoparental, reconstruída, a viverem com outros familiares que não os pais ou a viverem numa instituição de acolhimento). Apesar do mencionado destaca-se que os inquiridos com famílias tradicionais apresentam uma tendência para terem mais problemas de internalização e de externalização, sendo também os problemas comportamentais gerais mais acentuados neste grupo. Estes resultados diferem de

investigações analisadas, isto porque, consideram que as famílias tradicionais têm maior facilidade para controlarem o comportamento dos seus adolescentes (Bumpus, 2009).

No que diz respeito à fratria, os indivíduos que estão na última posição, isto é, os mais novos, apresentam uma tendência para terem menos problemas de internalização e de externalização/problemas comportamentais gerais e, existe uma tendência, embora de magnitude fraca, para a adoção de um estilo de socialização parental baseado na privação ser menos frequente na medida em que o número de irmãos é maior.

Estes resultados não foram analisados na bibliografia encontrada pelo que, surgem como variáveis a serem analisadas em estudos futuros.

## **CAPÍTULO VIII - CONCLUSÕES**

A presente investigação permitiu analisar e reflectir sobre a influência dos estilos parentais utilizados pelos pais de jovens que frequentam ou já frequentaram turmas PIEF. Os inquiridos têm em comum um percurso escolar marcado pelo insucesso, abandono ou, muitas vezes pela simples desilusão por uma escola com a qual não se identificavam. No PIEF uma janela se abre, para uma possibilidade de um futuro que até então parecia tão distante. Cada turma PIEF surge como uma experiência única em que alunos, professores e técnicos procuram construir novas pontes de forma a garantir que cada jovem sinta que é possível e têm capacidades para terminarem os seus estudos e se sentirem integrados numa sociedade que tantas vezes lhes parecia não os compreender. Neste percurso, nem sempre fácil, estes adolescentes encontram-se numa fase das suas vidas marcada por experiências múltiplas, necessidades de adaptação e problemas de internalização e externalização com os quais, na maioria das vezes não sabem como ultrapassar. Muitos destes problemas são considerados pela sociedade como característicos da fase de desenvolvimento em que se encontram mas, diversos estudos revelam a importância das relações entre pares e com familiares não apenas na origem mas também na forma como ultrapassam estes problemas.

Em relação à família, os estilos parentais são alvo de constantes investigações.

Neste estudo, tivemos como principal objectivo analisar os estilos parentais percebidos pelos jovens e posteriormente relacioná-los com os problemas de internalização e externalização dos inquiridos.

Os inquiridos têm em comum o facto de apresentarem pouco envolvimento escolar, baixo rendimento académico, e problemas de comportamento. Para Hutz &

Bargadir, (2006), estamos perante jovens que percebem os pais como indulgentes, isto é, ao terem exigência baixa e responsividade alta, caracterizam-se por serem tolerantes, afectuosos, de baixo controle, fomentam o diálogo e actuam como se os seus filhos se tratassem de pessoas maduras que são capazes de regular o seu próprio comportamento (Hutz & Bargadir, 2006; Musitu & Garcia, 2004). Os resultados encontrados confirmam estes estudos, a maioria dos jovens vê os seus pais como sendo indulgentes. De facto, a experiência profissional com estes jovens e suas famílias fazia-nos prever estes resultados. O pouco envolvimento escolar não é notório apenas nestes adolescentes sendo igualmente visível na maioria das famílias. Diversos factores podem explicar esta situação, experiências menos positivas com a escola, muitas vezes o contacto dos pais é apenas para terem conhecimento de avaliações menos positivas dos filhos, mas, pode também ser explicado pelo facto de verem os seus filhos como pessoas maduras capazes de percorrerem o seu percurso escolar com autonomia. Quando confrontados com problemas de externalização por parte dos filhos, estes pais, mesmo com dificuldades em saberem como abordar estas situações, esforçam-se por fomentar o diálogo na sua relação.

Confirmámos ainda a ausência de comportamentos de privação nas práticas educativas que, em estudos futuros, parece-nos que seria relevante analisar a sua relação com as dificuldades que os inquiridos em meio escolar muitas vezes apresentam em aceitar situações de privação.

Embora manifestem dificuldade em gerir relações, possivelmente pelas dificuldades que muitas vezes encontram na sua dinâmica familiar, de facto para os jovens inquiridos a afectividade surge como fundamental no seu desenvolvimento estando directamente relacionada com os seus problemas de internalização e externalização.

No que diz respeito às limitações para a realização desta investigação salientamos a dificuldade dos jovens em falarem sobre as suas relações afectivas e na análise dos seus próprios comportamentos. Importa também referir como limitação deste estudo o número reduzido da amostra e a necessidade de estudos comparativos com amostras *normativas*.

Ainda neste seguimento, considera-se a fraca existência de investigações anteriores, em que a análise da relação das práticas educativas com comportamentos de internalização e externalização dos adolescentes, em famílias de jovens que se encontrem em situação de fuga à escolaridade mínima obrigatória.

Em termos de ganhos da presente investigação, além da confirmação das relações entre os estilos parentais e a existência de determinados comportamentos de internalização/externalização encontrados na bibliografia analisada, este estudo remete-nos, no caso concreto de jovens a frequentar as turmas PIEF, para a importância no trabalho directo com as suas famílias. Se por um lado estamos perante jovens que necessitam de apoio ora para regressarem à escola, ora para (re) construírem uma ligação positiva com a escola, as suas famílias precisam igualmente de ferramentas para ajudarem os seus filhos neste percurso.

Como possibilidades futuras, pensa-se que seria importante a análise da percepção por parte dos pais das suas práticas parentais e influência nos comportamentos de internalização e externalização dos seus filhos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Achenbach, T.M. & Rescorla, L.A. (2001). *Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles*. Burlington, VT: University of Vermont.
- Alves, J. , & Roldao, M. (2008). *Estudo Curricular da Medida PIEF*. Lisboa. Colibri.
- Anderson, E. , Green, S. , Hetherington, E. & Clingempeel, W. (1999). The dynamics of Parental Remarriage. *In E. M. Hetherington (Ed.). Coping with divorce, single parenting and remarriage: A risk and resiliency perspective*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 295-319.
- Andrade, S. , Santos, D. , Bastos, A. , Pedromônico, M. , Almeida-Filho, N. & Barreto, M.(2005). Ambiente Familiar e Desenvolvimento Cognitivo Infantil : Uma Abordagem Epidemiológica. *Revista de Saúde Publica*. 39(4):606-11. Recuperado em 20 Novembro, de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n4/25533.pdf>.
- Arnett, J. (1995). Adolescents uses of Media for Self-Socialization. *Journal of Youth and Adolescence*, Vol.24, No 5, 519-533.
- Aunola, K., Sttatin, H., & Nurmi, J. (2000). Parenting Styles and Adolescents Achievement Strategies. *Journal of Adolescence*, 23, 205-222.
- Bandura, A. (1997). *Self-Efficacy : The Exercise of Control*. New York: W.H. Freeman.
- Barber, Bonnie L. & Lyons, Janice M. (1993). Family Processes and Adolescent Adjustment in Intact and Remarried Families. *Journal of Youth and Adolescenc.*, Vol.23, No 4, 421-436.
- Barnes, H. & Olson, D.H. (1985). Parent Adolescent Communication and the circumplex model. *Child Development*, 56: 438-447.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parent Control on Child Behaviour. *Child Development*, 37 (4). 887-907.

- Baumrind, D. (1991). The Influence of Parenting Style on Adolescent Competence and Substance use. *Journal of early adolescence*, 11, 56-95.
- Bell, R.Q. (1977). Socialization Findings Reexamined. in R.Q. Bell & L.V. Harper (Eds). *Child Effects on Adults*. New York: Lawrence Erlbaum, 53-84.
- Bell, R.Q. & Chapman, M. (1986). Child Effects in Studies using experimental or brief longitudinal approaches to socialization. *Developmental Psychological*, 22(5), 595-603.
- Bell, Richard. & Harper, Lawrence. (1977). *Socialization; Parent and child; Mammals; Parental behavior in animals; History; Research; Behavior*. Hillsdale, N.J. and New York.
- Bradley, R. & Corwin, R.(2005). Caring for children around the world: a view from HOME. *International Journal of Development of Behavioral Development*, 29 (6). 468-478.
- Bradshaw, C., Glaser, B., Calhoun, G. & Bates, J. (2006). Beliefs and Practices of the Parents of Violent and Oppositional Adolescents : An Ecological Perspective. *The Journal of Primary Prevention*, Vol.27. No 3, 245-63.
- Bronte-Tinkew, J., Moore, K. & Carrano, J. (2006). The Father-Child Relationship, Parenting Styles, and Adolescent Risk Behaviours in Intact Families. *Journal of Family Issues*, 27 ; 850-881.
- Brown, B., Mounts, N., Lamborn, S. & Steinberg, L. (1993). Parenting Practices and Peer Group Affiliation in Adolescence. *Child Development*, 64, 467-482.
- Bumpus, M. & Rodgers, K. (2009). Parental Knowledge and its sources: examining the moderating roles of family structure and race. *Journal of Family Issues*, 30, 1356-1378.
- Camacho, I. & Matos, M. (2006). *Práticas Parentais, Escola e Consumo de Substâncias em Jovens. Psicologia, Saúde e Doenças*. Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa. 7(2). 317-327.

Campbell, S.B., Shaw, D.S. & Gilliam, M. (2000). Early Externalizing Behavior Problems: Toddlers and preschoolers at risk for later maladjustment. *Development and Psychopathology*, 12, 467-488.

Canavarro, J. (2007). *Para a Compreensão do Abandono Escolar*. Texto Editores.

Carlson, M. & Corcoran, M. (2001). Family Structure and Children's Behavioral and Cognitive Outcomes. *Journal of Marriage and Family*, 63 : 779-792.

Cohen, D.A. & Rice, J.(1997). Parenting Styles, adolescent substance use, and academic achievement. *Journal of Drug Education*, 27(2), 199-211.

Conger, R.D. & S.L. Simons. (1997). Life-Course Contingencies in the Development of Adolescent Antisocial Behavior: A Matching Law Approach. In T.P. Thornberry (ed.). *Development Theories of Crime and Delinquency: Advances in Criminological Theory*, Vol. 7, 55-99.

Costa, F., Teixeira, M. & Gomes, W. (2000). *Responsividade e Exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Vol. 13, 465-473. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil.

Cummings, E.M. & Davies, P.T. (1994). *Children and Marital Conflict: The Impact of Family Dispute and Resolution*. New York: Guilford Press.

Cummings, E.M., Davies, Y. & Campell. (2000). *Developmental Psychopathology and Family Process. Theory, Research and Clinical Applications*. New York: the Guilford Press.

Darling, N. (1999). Parenting Style and its correlates. *Parent News for July-August*, 5(4).

Darling, Nancy & Steinberg, Laurence. (1993). Parenting Style as Context : An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, Vol. 113, No. 3, 487-496.

- Dekovic, M. (1999). Risk and protective factors in the development of problem behavior during adolescence. *Journal of youth and adolescence*, Vol.28, No.6, 667-85.
- Dekovic, M., Buist, K. & Reitz, E. (2004). Stability and Changes in Problem Behavior During Adolescence: Latent Growth Analysis. *Journal of Youth and Adolescence*, Vol.33, No 1, 1-12.
- Dékovic, M., Verhoeven, M., Junger, M., Aken, C. & Aken, M. (2010). Parenting and Children's Externalizing behaviour : Bidirectionality during toddlerhood. *Journal of Applied Development Psychology*, 31, 93-105.
- Diez, Javier P. & Peirats, Enrique B. (1997). Analisis de los Estilos Parentales de Socialization asociados al Abuso de Alcohol en Adolescentes. *Universitat de Valencia. Psichotema*, Vol. 9, No. 3, 609-617.
- Dornbusch, S., Ritter, P., Leiderman, P., Roberts, D. & Fraleigh, M. (1987). The Relation of Parenting Style to Adolescent School Performance. *Child Development*, 58, 1244-1257.
- Engels, R., Dekovic, M. & Meeus, W. (2002). Parenting Practices, Social Skills and Peer Relationships in Adolescence. *Social Behaviour and Personality*, 30 (1) 3-18.
- Fontaine, Anne. (1986). Práticas Educativas de Mães Portuguesas. Diferenças em Função do nível Socioeconómico e da Zona de Residência da Família. *Análise Social*. Vol. 22, 795-811.
- Garcia, L., Dardet, S. & Garcia, M.(2009). An Analysis of Stressful Life Events During Adolescence. *Psychology in Spain*, Vol.13, No 1, 1-8.
- Garcia, Fernando. & Gracia, Enrique. (2009). Is Always Authoritative the Optimum Parenting Style ? Evidence from Spanish Families. *University of Valencia : Adolescence*, Vol. 44, No. 173.

- Ge, X., Best, K.M., Conger, R.D., & Simons, R.L. (1996). Parenting behaviors and the occurrence and co-occurrence of adolescent depressive symptoms and conduct problems. *Developmental Psychology*, 32(4), 717-731.
- Gfroerer, K., Kern, R. & Curlette, W. (2004). Research Support for Individual Psychology's Parenting Model. *Journal of Individual Psychology*, 61. 379-388.
- Grusec, J. (2000). *Parents Attitudes and Beliefs : Their Impact on Children's Development*. Encyclopedia on Early Childhood Development. University of Toronto.
- Grusec, J. & Goodnow, J. (1994). Impact of Parental Discipline Methods on the Child's Internalization of Values: A Reconceptualization of Current Points-of-View. *Developmental Psychology*, 30, 4-19.
- Halry, D. & Stansbury, K. (2003). Infant Stress and Parent Responsiveness: regulation of psychology and behavior during still-face and reunion. *Child Development*, 74(5). 1534-1546.
- Harris, Jr. (1998). *The Nurture Assumption ; Why Children Turn Out the Way They Do*. New York : Free Press.
- Hidalgo, M., Moreno, C. & Palacios, J. (1998). *Familia y Vida Cotidiana*. En M.J. Rodrigo y J. Palacios (Comps.). "*Familia y desarrollo humano*". Madrid : Alianza Editorial , Psicología y Educacion.
- Hogan, D. P., & Kitagawa, E. M. (1985). The impact of social status, family structure, and neighborhood on the fertility of Black adolescents. *American Journal of Sociology*, 19, 825-855.
- Jacobson, K. C., & Crockett, L. J. (2000). Parental monitoring and adolescent adjustment: An ecological perspective. *Journal of Research on Adolescence*, 10(1), 65-97.

- Jackson, S., Bistra, J., Oostra, L. & Bosma, H. (1998). Adolescent`s Perceptions of Communication with Parents relative to Specifics Aspects of Relationships with Parents and Personal Development. *Journal of adolescence*, 21, 305-322.
- Jimenez, L., Dekovic, M. & Hidalgo, V. (2009). Adjustment of School-aged Children and Adolescents growing up in at-risk families: relationships between family variables and individual relational and school adjustment. *Children and Youth Services Review*, 31, 654-661.
- Kagıtçibasi, Ç. (2007). *Family, Self, and Human Development Across Cultures*. Second Edition. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, London.
- Keller, Heidi. (2007). *Cultures of Infancy*. Lawrence Erlbaum Associates, publishers, London.
- Kobarg, A., Sachetti, V. & Vieira, M. (2006). Valores e Crenças Parentais : Reflexões Teóricas. *Revista Brasileira de Casamento e Desenvolvimento Humano*.
- Koutrouba, K., Antonopovlov, E., Tsitsas, G. & Zenakov, E. (2009). An Investigation of Greek Teachers views on Parental Involvement in Education. *School Psychology International*, 30-311.
- Ladd, W. & Pettit, S. (2002). Parenting and Development of Children`s peer Relationships. *Handbook of Parenting, Pratical Issues in Parenting*, Erlbaum, Mahwah, Nj. Vol.5, 269-309.
- Laird, R. D., Criss, M. M., Pettit, G. S., Bates, J. E., & Dodge, K. A. (2009). Developmental trajectories and antecedents of distal parental supervision. *Journal of Early Adolescence*, 29, 258-284.
- Lamborn, S., Mounts N., Steinberg, L. & Dombuch, S. (1991). Patterns of Competence and Adjustment Among Adolescents from Authoritative, Authoritarian, Indulgent and Neglectful Families. *Child Development*, 62, 1049-1065.

- Linares, M., Pelegrina, S. & Lendinez, J.(2002). Los Estilos Educativos de los Padres y la Competencia Psicosocial de los Adolescents. *Anuario de Psicología*, 33(1), 79-94.
- Maccoby, E.E. (1984). *Middle Childhood in the Context of the Family*. In W.A. Collins (Ed.), *Development during Middle Childhood : The Years from 6 to 12*. Washington, Dc : National Academy.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the Context of the Family : Parent-Child Interaction. *Handbook of Child Development*, Vol. 4, 1-101.
- Maccoby, E.E. (1992). The Role of Parents in the Socialization of Children : An Historical Overview. *Development Psychology*, 28, 1006-1017.
- Maccoby, E.E. (1994). The Role of Parents in the Socialization of Children : An Historical Overview. In R.D. Parke P.A. Ornstein, J.J. Rieser & C. Z. Waxler, (Orgs), *A Century of Development Psychology*, Washington, D.C. : American Psychology Association, 589-615.
- Maccoby, Eleanor. (2000). Perspectives on Gender Development. *International Journal of Behaviour Development*, 24 (4), 398-406.
- Martinez, Isabel & Garcia, Jose. (2007). Impact of Parenting Styles on Adolescent's Self-Esteem and Internalization of Values in Spain. *The Spanish Journal of Psychology*, Vol.10, No 2, 338-348.
- Medora, N.P., Wilson, S., & Larson, J.H. (2001). Attitudes towards parenting strategies, potential for child abuse, and parental satisfaction of ethnically diverse low-income U.S. mothers. *Journal of Social Psychology*, 141(3), 335-349.
- Mesman J, Bongers I. & Koot HM. (2001). Preschool developmental pathways to pre-adolescent internalizing and externalizing problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 42, 679-689.

Milevsky, A., Sclechter, M., Netter, S. & Keehn, D.(2007). Maternal and Paternal Parenting Styles in Adolescents, Associations with Self-Esteem, Depression and Life-satisfaction. *J. Child Fam Stud*, 16: 39-47.

Ministerio da Educacao e da Seguranca Social e do Trabalho. Despacho Conjunto no 948/2003. Diario da republica II serie no 223-26 Set. 2003

Ministerio da Segurança Social e do Trabalho. (1998). *Inserção Precoce no Mercado de Trabalho, Um Estudo de Casos*.

Ministerio da Segurança Social e do Trabalho. (2004). *Inserção Precoce no Mercado de Trabalho, Um Estudo de Casos*.

Minuchin, P. (2002). *Cross-Cultural Perspectives : Implications of Attachment Theory and Family Therapy*. *Family Process*, 41: 546-550.

Moilanen, R., Shaw, D., Criss, M. & Dishion, T. (2009). Growth and Predictors of Parental Knowledge of Youth Behaviour During Early Adolescence. *The Journal of Early Adolescence*, 29.

Moore, R., Young, M., Weir, J. & Ochsborn, E. (2007). An Evaluation of a Holistic Program for at risk teens and their parents. *Contemp Fam Ther*, 29: 129-145.

Musitu, G. & Bierman, K. (2001). Parenting Practices and Child Social Adjustment: Multiple Pathways of Influence. *Merril-Palmer Avarterly*, Vol. 47, No. 2.

Musitu, G. & Garcia, F. (2004). Las Consecuencias de la Socializacion en la Cultura Española. *Psicothema*, 16, 288-293.

Musito, G. & Garcia, J. (2005). Consequences of Family Socialization in the Spanish Culture. *Psychology in Spain*. Vol.9, No.1. 34-40.

Newcomer, Susan & Udry, J. Richard. (1987). Parental Marital Status Effects on Adolescent Sexual Behavior. *Journal of Marriage and the Family*, 49(2):235-240.

Nolen-Hoeksema, S. & Girgus, J. S. (1994). The emergence of gender differences in depression during adolescence. *Psychological Bulletin*, 115, 424-443.

Oliveira, E., Marin, A., Pires, F., Frizzo, G., Ravello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos Parentais Autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 1-11.

Pacheco, J., Teixeira, M. & Gomes, W. (1999). Estilos Parentais e Desenvolvimento de Habilidades Sociais na Adolescência. *Psicologia : Teoria e Pesquisa*, 15(2), 117-126.

Pardini, DA., Fite PJ. & Burke JD. (2007). *Bidirectional associations between parenting practices and conduct problems in boys from childhood to adolescence: the moderating effect of age and African-American ethnicity*. Department of Psychiatry, University of Pittsburgh Medical Center.

Parke, RD & Buriel, R. (1998). *Socialization in the Family , Ethnical and Ecological Perspectives*. Handbooks of Child Psychology. Vol 3, Social Emotional and Personality Development, 5ª Ed. New York.

Parke, Ross D. (2003). *Development in the Family*. Department of Psychology, University of California. Retirado de [www.arjournals.annualreviews.org](http://www.arjournals.annualreviews.org), em 2, Setembro, 2008.

Parker, J. G., Rubin, K. H., Price, J. M., & DeRosier, M. E. (1996). Peer relationships, child development, and adjustment: A developmental psychopathology perspective. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds.), *Developmental Psychopathology, Vol. 2. Risk, disorder, and adaptation* (pp. 96–161). New York: John Wiley & Sons.

Patterson, G. (1995). *Coercion as a basis for early age of onset for arrest*. In J. McCord (Ed.), *Coercion and punishment in long-term perspectives* (pp. 81 -105). New York: Cambridge University Press.

Patterson & Stouthamer-Loeber. (1984). The correlation of family management practices and delinquency. *Child development*, 55(4), 1299-307.

Pereira, Albertina.(2007). *PIEF : Um Programa de Educação e Formação*. PETI.

Pereira, A., Canavarro, C., Cardoso, M. & Mendonca, D. (2009), Patterns of Parental Rearing Styles and Children behavior, Problems among Portuguese School-aged Children. *Child Fam Stud*, 18: 454-464.

Perry, D., Kusel, S. & Perry, L. (1988). Victims of Peer Agression. *Developmental Psychology*, 24(6), 807-814.

Pettit, G.S. & Lollis, S. (1997). Introduction to Special Issue: Reciprocity and Bidirectionality in Parent-Child Relationships: New Approaches to the study of enduring relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14. 435-461.

Pinto, Lurdes & Goulart, Pedro. (2008). Trabalho Familiar Não Remunerado. PETI 10 Anos. *PETI, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social*.

Radziszewska, B., Richardson, J.L., Dent, C.W. & Flay, B.R. (1996). Parenting Style and adolescence depressive symptoms, smoking and academic achievement: ethnic, gender and SES differences. *Journal of behavioral medicine*, 19, 289-305.

Reid, J., Patterson, G., & Loeber, R. (1981). *The abused child: Victim, instigator, or innocent bystander?* In D. Bernstein (Ed.), *Response, structure, and organization* (pp. 47-68). Lincoln, NE: University of Nebraska Press.

Reitz, E. & Dekovic, M. (2006) Relations between Parenting and Externalizing and Internalizing Problems Behaviour in Early Adolescence : Child Behaviour as Moderator and Predictor. *Journal of Adolescence*, 29, 419-436.

- Reppold, T. & Hutz, S. (2003). Exigência e Responsabilidade Parental como Preditores de Depressão em Adolescentes no Sul do Brasil. *Avaliação Psicológica*, 3, 175-184.
- Roldao, M. & Santos, A. (2008). *Estudo Curricular da Medida PIEF*. Lisboa. Colibri
- Roldão, M. & Santos, A. (2008). *PETI 10 Anos – A Medida PIEF – Ministério do Trabalho e da Segurança Social*, PETI.
- Salvador. A. (2007). *Análise da Relação entre Práticas Educativas Parentais, Envolvimento com Tarefas Escolares, Depressão e Desempenho Académico de Adolescentes*. Universidade Federal do Paraná.
- Sameroff, AJ. (1975). *Early Influences on Development: Fact or Fancy?* Merrill-Palmer Quarterly, 21.
- Sanders, M.R. & Wooley, M.L. (2005). The Relationship between Maternal Self-efficacy and Parenting Practices : Implications for Parent Training. *Child Care, Health and Development*, Vol. 31, 65-73.
- Smetana, Judith G. (1995). *Parenting Styles and Conceptions of Parental Authority During Adolescence*. University of Rochester.
- Spera, C. (2005). A Review of the Relationship Among Parenting Practices, Parenting Styles and Adolescent School Achievement. *Educational Psychology Review*, Vol. 17 n.º2.
- Steinberg, Lawrence. (2000). The Family at Adolescence : Transition and Transformation. *Journal of Adolescence Health*; 27. 170-178.
- Steinberg, L., Darling, N. & Fletcher, A. (1995). The Company they keep: relation of adolescent's adjustment and behavior to their friend's perceptions of authoritative parenting in the social network. *Dev. Psychol*, 31, 300-10.
- Swanson, J. & Fouad, N. (1999). *Carrer Theory and Practice : Learning Through Case Studies*. Thousand Oaks, CA : Sage Publications.

Vitali, I. (2004). “Como *nossos Pais?*” *A Transmissão Intergeracional dos Estilos Parentais*. Universidade Federal do Paraná.

Vuchinich, S., Bank, L., & Patterson, G. R (1992). Parenting, peers, and the stability of antisocial behavior in pre-adolescent boys. *Developmental Psychology*, 28, 510-521.

Weber, L., Prado, P., Viezzer, A. & Brandenburg, O. (2004). Identificação de Estilos Parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 17(3), 323-331.

Wolfradt, U., Hempel, S. & Miles, J. (2003). *Perceived Parenting Styles Depersonalisation, Anxiety and Coping Behaviour*. *Adolescents, Personality and Individual Differences*, 34.

Zahn-waxler, Carolyn. (1993). *Warriors and worriers: Gender and psychopathology*. *Development and Psychopathology*. Cambridge University Press. 5:79-89.